Colil
Coordenadoria
do Curso de Letras
Língua Inglesa e suas Literaturas
UFSJ
Universidade Federal
de São João del-Rei

GIOVANNA CRISTINA MOURA

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS COM PAISAGENS LINGUÍSTICAS NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA:

INVESTIGANDO O MULTILINGUISMO EM SÃO JOÃO DEL-REI

São João del-Rei

Janeiro de 2025

GIOVANNA CRISTINA MOURA

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS COM PAISAGENS LINGUÍSTICAS NA SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA:

INVESTIGANDO O MULTILINGUISMO EM SÃO JOÃO DEL-REI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenadoria do Curso de Graduação em Letras - Língua Inglesa e Suas Literaturas, da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Inglesa e Suas Literaturas.
Ênfase: Estudos Linguísticos
Orientadora: Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite

São João del-Rei

Janeiro de 2025

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por me sustentar e me guiar em todos os momentos dessa jornada. Minha gratidão também à Nossa Senhora Desatadora dos Nós, por interceder e me fortalecer nos momentos de dificuldade.

À minha família, em especial minha mãe, minha avó e minhas irmãs, pelo amor, apoio e incentivo incondicional. À minha prima, pelo companheirismo e suporte em tantas etapas desse caminho.

Ao Rodrigo, por estar ao meu lado e por acreditar em mim, mesmo quando eu mesma não o fiz. Obrigada por ser Sol nos meus dias nublados.

Aos meus amigos de caminhada, Alan, Leonardo, Noelly e Thalisson, que tornaram essa trajetória mais leve e significativa, meu profundo agradecimento.

Minha eterna gratidão à minha orientadora, Patrícia, que foi mais do que uma professora; tornou-se uma verdadeira inspiração. Sua orientação, paciência e apoio foram fundamentais, especialmente nos momentos em que duvidei de mim mesma.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Meu sincero muito obrigada!

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo, a partir de uma análise crítica de paisagens linguísticas de São João del-Rei/MG, propor possibilidades pedagógicas que integrem esses elementos urbanos às salas de aula de Língua Inglesa. Embasado nas perspectivas de Letramentos Críticos (Cervetti *et al.*, 2001; Soares, 2009; Costa Leite, 2018) e das Paisagens Linguísticas (Gorter, 2013; Wang, 2015; Faria, Nascimento, 2020; Blackwood, Amos, 2024), o estudo investiga como a presença do inglês no espaço urbano pode ser utilizada como ferramenta pedagógica (Melo-Pfeifer, Lima-Hernandes, 2020; Solmaz, Przymus, 2021; Solmaz, 2022), estimulando a criticidade dos alunos e conectando o aprendizado em sala de aula ao mundo real. Além disso, a pesquisa também visa inspirar professores de língua inglesa a utilizar as paisagens linguísticas urbanas como recurso didático. Para atingir esses objetivos, diversas paisagens linguísticas da cidade foram fotografadas, selecionadas com base na diversidade de gêneros textuais e analisadas a partir de um *framework* (Coqc *et al.*, 2020) que propõe uma investigação holística. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, sendo a análise de cunho interpretativista (Silveira, Córdova, 2009). Os resultados indicam que a presença do inglês no espaço urbano reflete dinâmicas globais e locais, tornando a língua parte do cotidiano dos alunos. Além disso, demonstram que a exploração das paisagens linguísticas no contexto educacional favorece o desenvolvimento da consciência linguística, do multilinguismo e de práticas de letramento. Por fim, os achados reforçam o potencial das paisagens linguísticas como recurso didático, sugerindo novas estratégias pedagógicas que integrem o espaço urbano ao ensino de línguas, aproximando a sala de aula do mundo real. Essa abordagem permite que os alunos desenvolvam uma visão crítica sobre o uso das línguas em seu cotidiano e compreendam os motivos e os desdobramentos dessas escolhas linguísticas.

Palavras-chave: Paisagens Linguísticas; Letramentos Críticos; Multilinguismo; Ferramenta pedagógica; Língua inglesa.

Sumário

1. Introdução..... 5

2. Objetivos..... 7

2.1. Objetivo geral:.....7

2.2. Objetivos Específicos:.....7

3. Pressupostos teóricos..... 7

3.1. Paisagens linguísticas.....7

3.2. A cidade como espaço de pesquisa..... 10

3.3. A cidade como espaço de cultura.....11

3.4. A cidade como espaço de aprendizagem autêntica..... 13

3.5. Letramentos Críticos: lendo o mundo ao nosso redor.....14

3.6. Paisagens Linguísticas e ensino crítico de língua inglesa.....18

4. Metodologia..... 20

5. Análise das paisagens linguísticas de São João del-Rei..... 24

6. Compilação de possibilidades de uso pedagógico das paisagens linguísticas na sala de aula de língua inglesa.....34

6.1. A Familiaridade com a Língua "Estrangeira".....34

6.2. Multimodalidade e Análise Crítica..... 35

6.3. Estrangeirismos, usá-los ou não usá-los?.....38

7. Considerações finais..... 41

8. Referências.....43

1. Introdução

A presença de imagens é frequentemente destacada como uma das características centrais das sociedades contemporâneas (Faria, Nascimento, 2020). Nesse sentido, pode-se dizer que os seres humanos estão, a todo tempo, cercados por paisagens repletas de informações, presentes tanto em espaços públicos quanto privados. Embora seja impossível ler e observar todos os sinais[1], é certo que, ao menos parte dos textos, sejam eles verbais ou não verbais, é notada (Gorter, Cenoz, 2017).

Levando em consideração o ensino em geral e o desenvolvimento dos padrões de aprendizado dos alunos nas últimas décadas, a preocupação com a contextualização do conteúdo à realidade dos estudantes tem ganhado cada vez mais importância. Nesse contexto, o uso de materiais autênticos se apresenta como uma estratégia eficaz para aproximar o que é ensinado em sala de aula das experiências cotidianas dos alunos. Ao incorporar textos, imagens e sinais que fazem parte do ambiente em que o aluno está inserido, o aprendizado pode se tornar mais relevante e significativo.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral realizar uma análise crítica de algumas das paisagens linguísticas da cidade de São João del-Rei/MG, buscando identificar as línguas representadas, compreender suas inter-relações e explorar conexões multimodais. Além disso, pretende propor possibilidades pedagógicas, utilizando as paisagens linguísticas, que estimulem a criticidade dos alunos em relação ao seu entorno e às línguas que o compõem. A partir dessa análise, busca-se também apontar possíveis conexões entre o conteúdo aprendido em sala de aula e o mundo real, destacando estratégias que fomentem a observação e a interpretação crítica das paisagens linguísticas. Por fim, o trabalho visa inspirar professores de língua inglesa a incorporarem essa abordagem em suas práticas pedagógicas, ampliando as possibilidades de ensino e aprendizado.

Nesse ínterim, Melo-Pfeifer *et al.* (2022) apontam que o trabalho, em sala de aula, com paisagens linguísticas deve incentivar conexões entre a escola, a comunidade e outros ambientes, sejam eles presenciais ou digitais. Essa abordagem busca estimular o aprendizado social e ecológico adequado ao contexto local, além de valorizar e reconhecer a riqueza e a diversidade das formas de conhecimento e modos de acesso ao saber.

---

[1] Nesse sentido, usamos "sinais" como meio de referência a qualquer tipo de representação linguística ou visual presente no ambiente urbano e social, como placas, letreiros, cartazes, anúncios, logotipos, grafites, sinalizações públicas, entre outros. Optamos, também, por esta tradução de *signs* (sinais), visto que ela é comumente usada na literatura sobre paisagens linguísticas em português.

A ideia de explorar São João del-Rei como um espaço autêntico de aprendizagem surgiu a partir das experiências com alunos do ensino médio de uma escola pública local, durante a participação no Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e nos estágios supervisionados realizados ao longo do curso de Letras Língua Inglesa. É importante ressaltar que essas vivências pedagógicas foram fundamentais e coincidiram com o momento em que foi necessário definir o foco deste trabalho, consolidando a cidade como um objeto relevante de estudo no que tange às paisagens linguísticas.

Metodologicamente, esta pesquisa qualitativa (Silveira, Córdova, 2009) baseou-se em uma análise crítica de um *corpus* de paisagens linguísticas por fotografias capturadas em São João del-Rei. A investigação foi precedida por uma revisão bibliográfica que incluiu leituras sobre paisagens linguísticas, letramentos críticos e o ensino de línguas, seguida pela seleção e análise de algumas das paisagens linguísticas selecionadas. As imagens selecionadas levaram em consideração a variedade de gêneros textuais, além da presença de estrangeirismos e combinações de português e inglês. Tais paisagens foram examinadas sob uma perspectiva interpretativista (*ibid.*), em que as figuras foram observadas e analisadas holisticamente. Após esse movimento, pensou-se na sala de aula de língua inglesa e como os resultados poderiam ser utilizados para buscar fomentar o desenvolvimento da criticidade dos alunos com relação às informações que eles recebem o tempo todo.

Dessa forma, dentro dos pressupostos teóricos, abordaremos os conceitos e desdobramentos das Paisagens Linguísticas (Gorter, 2013; Wang, 2015; Faria, Nascimento, 2020; Blackwood, Amos, 2024), destacando como a visibilidade de uma língua no espaço público reflete as percepções sociais sobre seu status em relação a outras línguas (Tulp, 1978 *apud* Blackwood, Amos, 2024). Em seguida, discutiremos a cidade como espaço de pesquisa, cultura e aprendizagem autêntica, destacando a presença do inglês no cotidiano dos alunos. Posteriormente, exploraremos os Letramentos Críticos (Cervetti *et al.*, 2001; Soares, 2009; Costa Leite, 2018), enfatizando a língua como prática social. Após apresentar a metodologia, analisaremos as paisagens linguísticas selecionadas e, por fim, exploraremos as possibilidades pedagógicas dessas análises no ensino de língua inglesa, conectando o conteúdo à realidade da sala de aula.

A seguir, apresentamos nossos objetivos geral e específicos.

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral:

O presente trabalho tem como objetivo geral fazer uma análise crítica de algumas das paisagens linguísticas da cidade de São João del-Rei/MG, buscando identificar as línguas representadas, compreender suas inter-relações e conexões multimodais. Além disso, visa explorar as possibilidades pedagógicas dessas análises para promover a criticidade dos alunos em relação ao seu entorno e às línguas que o compõem.

2.2. Objetivos Específicos:

- investigar e compreender como as línguas presentes na paisagem urbana podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas;
- apontar possíveis conexões entre o conteúdo aprendido em sala de aula e o mundo real, a partir das paisagens linguísticas e dos letramentos críticos;
- destacar meios de fomento da criticidade do aluno por meio da observação e da análise das paisagens linguísticas da cidade;
- inspirar professores de língua inglesa a analisarem e utilizarem as paisagens linguísticas em sala de aula.

3. Pressupostos teóricos

3.1. Paisagens linguísticas

Os estudos em *Linguistic Landscapes* (paisagens linguísticas) remontam à década de 1970 (Backhaus, 2007; Gorter, 2013; Blackwood, Amos, 2024), embora o conceito tenha ganhado maior destaque com Landry e Bourhis, em 1997. É uma área de pesquisa relativamente recente, que tem se expandido significativamente nos últimos 15 anos devido ao aumento do interesse de pesquisadores na globalização e no multilinguismo (Blackwood, Amos, 2024).

Um dos primeiros trabalhos relevantes nessa área foi realizado por Rosenbaum *et al.* (1977, *apud* Blackwood, Amos, 2024), que, em 1973, conduziram um levantamento de 50 nomes de lojas, restaurantes e escritórios em uma rua comercial no centro de Jerusalém. Eles identificaram uma tendência entre os atores não oficiais, indivíduos ou entidades que não representam o governo ou outras instituições públicas de evitar o uso do hebraico, a língua

nacional, preferindo o uso do alfabeto romano.

Outra pesquisa relevante foi de Tulp (1978 *apud* Blackwood, Amos, 2024), que estudou sobre paineis publicitários nos subúrbios de Bruxelas. Entre as conclusões de Tulp, destaca-se sua hipótese inicial de que a visibilidade de uma língua no espaço público está ligada às percepções das pessoas sobre essa língua e ao seu status em relação a outras línguas. Nesse sentido, é possível afirmar que diversas pesquisas realizadas sobre paisagens linguísticas

> tratam dessa temática envolvendo diferentes línguas que coexistem em um mesmo espaço urbano, a partir da linguagem em uso, desvelando práticas sociais, escolhas e valores de determinada comunidade em um tempo também determinado (Faria, Diniz, 2015, p. 156 *apud* Faria, Nascimento, 2020, p. 353).

É importante mencionar que outros estudos subsequentes utilizaram esses achados como referência na análise das paisagens linguísticas. Entretanto, embora o conceito tenha sido explorado anteriormente, examinando a escolha pelo uso de determinada(s) língua(s) em espaços públicos e suas implicações nas hierarquias sociais e linguísticas, a definição mais amplamente reconhecida é a de Landry e Bourhis (1997), apresentada em uma pesquisa que veio um pouco depois. O estudo explora como a paisagem linguística influencia a percepção da vitalidade e os comportamentos linguísticos de minorias linguísticas, utilizando exemplos de comunidades francófonas no Canadá.

Em suas concepções, os autores trazem que a "paisagem linguística refere-se à visibilidade e destaque das línguas em sinais públicos e comerciais em determinado território ou região"[2] (Landry, Bourhis, 1997, p. 23, tradução nossa[3]). Além dessa definição inicial dos autores, eles listam, também, seis tipos de paisagens linguísticas. Segundo eles,

> a linguagem dos sinais de trânsito públicos, *outdoors* publicitários, nomes de ruas, nomes de lugares, placas de lojas comerciais e sinais públicos em edifícios governamentais se combinam para formar a paisagem linguística de um determinado território, região ou aglomeração urbana[4] (*ibid.*, p. 25).

Entretanto, nos últimos tempos, diversos estudiosos têm questionado as limitações da definição frequentemente referenciada desses autores, propondo uma expansão do conceito de paisagem linguística (Wang, 2015). Afinal, com a rápida evolução tecnológica, é possível

---

[2] "Linguistic landscape refers to the visibility and salience of languages on public and commercial signs in a given territory or region" (Landry, Bourhis, 1997, p. 23).

[3] Todas as traduções contidas neste trabalho foram realizadas pelas autoras.

[4] "The language of public road signs, advertising billboards, street names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region, or urban agglomeration" (Landry, Bourhis, 1997, p. 25).

encontrar um número maior de diferentes sinais (Gorter, 2013). Dessa forma, além das línguas presentes em espaços públicos, pesquisadores sugerem a inclusão de vários elementos, como logos, ícones e imagens (Itagi, Singh, 2002; Backhaus, 2007; Shohamy, Gorter, 2009; Wang, 2015).

Levando isso em consideração, estudos mais recentes, como o de Pennycook (2017), têm explorado abordagens multimodais[5] para analisar a paisagem linguística, incorporando a análise visual, sonora e interativa dos espaços urbanos. Esses métodos permitem um olhar mais abrangente sobre como a comunicação se dá em cenários públicos e ajudam a revelar as complexidades das interações sociais e culturais. Nesse sentido, Ferrarotti (2017) menciona que, além dos sinais escritos, a paisagem linguística também abrange a linguagem falada em conversas cotidianas nas ruas e lojas, contribuindo para a compreensão completa do cenário linguístico de um determinado local.

Já considerando a classificação das paisagens linguísticas, com base nas informações retiradas de Wang (2015), os sinais têm sido tradicionalmente divididos em categorias como "privados ou governamentais" (Landry, Bourhis, 1997), "*top-down* ou *bottom-up*" (Ben-Rafael *et al.*, 2006), "oficiais ou não-oficiais" (Backhaus, 2006) e "privados ou públicos" (Shohamy *et al.*, 2010). No geral, essas classificações compartilham a mesma ideia central: diferenciar sinais emitidos por autoridades públicas daqueles criados por indivíduos, empresas ou associações dentro das regulamentações estabelecidas.

Entretanto, Wang (2015) afirma que, apesar das categorizações parecerem claras, elas negligenciam a complexidade das paisagens linguísticas. Huebner (2009 *apud* Wang, 2015), por exemplo, critica a simples distinção entre sinais *top-down* e *bottom-up*, afirmando que ela não reflete a influência da agência[6] sobre as formas linguísticas. A questão da agência, nesse contexto, refere-se à capacidade dos indivíduos ou dos grupos de moldar e influenciar o uso da linguagem em um determinado espaço público, destacando que as pessoas têm o poder de escolher, criar e modificar suas expressões linguísticas. O autor aponta que sinais governamentais, de multinacionais, comércios locais e grafites diferem consideravelmente, e defende uma subdivisão mais detalhada para uma análise mais precisa da paisagem linguística.

---

[5] Neste trabalho, não aprofundaremos o conceito de multimodalidade devido à limitação de espaço, mas reconhecemos sua importância. A multimodalidade considera a coexistência e interação de diferentes formas de comunicação, como a fala, os gestos, o texto e as imagens, entre outros.

[6] Aqui, optou-se por não aprofundar a discussão sobre a agência, dada a complexidade e a extensão do tema. Embora reconheçamos sua importância na análise do uso da linguagem, a exploração detalhada deste conceito exigiria um espaço maior, o que não é viável neste contexto. Assim, preferimos nos concentrar em aspectos mais diretamente relacionados ao objetivo central da pesquisa.

Considerando a complexidade e a amplitude de perspectivas estudadas dentro das paisagens linguísticas, é possível afirmar que o estudo dessa área "é um campo de interesse e cooperação entre linguistas aplicados, sociolinguistas, sociólogos, psicólogos, geógrafos e pesquisadores de outras disciplinas" (Faria, Nascimento, 2020, p. 352). Gorter (2013) reforça essa visão ao destacar que a paisagem linguística é um fenômeno complexo que envolve múltiplas áreas de estudo e diferentes perspectivas acadêmicas. Além disso, a paisagem linguística parece refletir o poder relativo e o *status* dos diferentes grupos linguísticos em um contexto específico (*ibid.*), o que enfatiza ainda mais a importância de se estudar não apenas as línguas em si, mas também as dinâmicas sociais que as cercam. Nesse contexto, a interdisciplinaridade do campo se configura como uma característica fundamental para uma compreensão abrangente das dinâmicas sociais e linguísticas que moldam as cidades contemporâneas.

À medida em que as sociedades evoluem e se tornam cada vez mais multilíngues, o estudo das paisagens linguísticas converte-se em algo crucial para entender as transformações culturais e sociais que ocorrem em contextos urbanos, como em São João del-Rei, onde a riqueza de influências linguísticas reflete a rica confluência da história da região. Assim, antes de trazer a análise das paisagens linguísticas, consideramos relevante trazer um breve contexto histórico da cidade.

3.2. A cidade como espaço de pesquisa

A cidade de São João del-Rei foi fundada no século XVIII, no auge da exploração aurífera, assim, destacou-se como um dos principais centros mineradores de Minas Gerais (IPHAN, 2024). Nessa época, a região se estabeleceu como um ponto de encontro entre colonos, escravizados e aventureiros em busca de riquezas. Sua localização privilegiada, próxima às rotas de escoamento da mineração, fez com que a cidade crescesse de forma significativa, consolidando-se como um importante polo econômico e cultural da colônia (*ibid.*). Nesse sentido, a arquiteta Ana Elisa de Resende Raposo Leal (2010) afirma que "o reflexo dessa dinâmica econômica é visível até os dias de hoje no espaço urbano da cidade" (p. 11 *apud* Cardoso, 2015, p. 18).

Além disso, São João del-Rei também se destacou como um centro religioso e artístico, marcado pela construção de igrejas e casarios em estilo barroco, ornamentados com o trabalho de renomados artistas da época, como, por exemplo, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e Manoel da Costa Ataíde, mais conhecido por Mestre Ataíde. Dessa forma, a

cidade tornou-se não apenas um símbolo da exploração de ouro, mas também da rica herança cultural que se formou em torno dessa atividade (Cardoso, 2015).

As marcas dessa trajetória permanecem vivas e claramente visíveis na paisagem urbana de São João del-Rei até os dias atuais, refletindo não apenas na arquitetura local, mas também nas paisagens linguísticas urbanas. A interação entre o passado colonial e o presente contemporâneo resulta em um cenário urbano que dialoga com diversas influências culturais e linguísticas, fruto da sua evolução histórica. Essa conexão temporal reflete a natureza contraditória do espaço "cidade", conforme descrito por Faria (2007, p. 13 *apud* Faria, Nascimento, 2020, p. 348), que declara que nele "convivem simultaneamente, a ordem e a desordem, a heterogeneidade e a padronização, a coletividade e a individualidade". Assim, ao mesmo tempo em que a paisagem foi/é alterada pelos sujeitos, as pessoas que habitam essa cidade são igualmente influenciadas por ela, em um processo contínuo que conecta o passado e o presente, moldando a identidade visual e cultural das ruas de São João del-Rei.

No que tange às paisagens linguísticas da cidade, essa dinâmica é evidente. Elementos tradicionais, como a utilização predominante da língua portuguesa, coexistem com influências modernas, como, por exemplo, a utilização da língua inglesa em placas e letreiros presentes em diversas localizações. Essa mudança reflete a transformação de São João del-Rei, que, como ex-colônia portuguesa, historicamente usava, predominantemente, o português, mas hoje incorpora novas línguas, linguagens e influências culturais, evidenciando o diálogo entre o passado colonial e o presente, presente esse que é situado em um mundo altamente globalizado.

Levando em consideração as informações anteriormente apresentadas, a análise da paisagem linguística de São João del-Rei busca revelar a cidade como um valioso objeto de pesquisa, destacando a coexistência de memórias históricas e novas influências linguísticas. Apesar de seu forte vínculo com as memórias de seu passado, acredita-se que a cidade apresenta oportunidades significativas para o estudo do multilinguismo e da dinâmica das paisagens linguísticas contemporâneas. Dessa maneira, é possível afirmar que, mesmo em locais com um patrimônio histórico marcante, há espaço para a integração e interação de múltiplos idiomas e influências culturais, das quais falaremos a seguir.

3.3. A cidade como espaço de cultura

Landry (2011) destaca que os recursos culturais urbanos abrangem tanto o patrimônio histórico, industrial e artístico, quanto as paisagens, os marcos urbanos e o patrimônio

imaterial, como tradições, festivais, rituais, gastronomia e lazer. No contexto de São João del-Rei, Leal (2010, *apud* Cardoso, 2015) ressalta que a riqueza do seu patrimônio material é amplamente reconhecida por instituições como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural. Esse legado tangível é complementado por uma vasta dimensão cultural imaterial, que se manifesta em tradições, como o toque dos sinos, as festividades da Semana Santa e a existência de duas orquestras bicentenárias, exemplos evidentes da preservação da tradição barroca local.

Considerando que "a cidade e a cultura ou as relações culturais e urbanas são duas faces incontornáveis e indissociáveis das relações sociais" (Cruz, 2017, p. 9), os elementos mencionados não apenas preservam o legado histórico da cidade de São João del-Rei, mas também contribuem para um cenário cultural dinâmico. Esses aspectos mantêm vivas as manifestações culturais que moldam a identidade de São João del-Rei e de seus habitantes.

Faria e Nascimento (2020) corroboram essa ideia ao apontarem que as variações na paisagem linguística de cada local influenciam diretamente na construção das identidades desses espaços. Como destacado por Ben-Rafael, Shohamy e Barni,

> as paisagens linguísticas são moldadas por diferentes circunstâncias - históricas, sociais, políticas, ideológicas, geográficas e demográficas - e, ao mesmo tempo, ilustram processos que são inerentes à sua própria dinâmica, que, por sua vez, participam da fusão de uma realidade social e cultural mais ampla[7] (Ben-Rafael, Shohamy, Barni, 2010, p. 13).

Nesse sentido, Rodrigues (2020) afirma que a análise da paisagem permite observar a diversidade linguística presente em diferentes espaços públicos e privados, revelando as relações entre os indivíduos que compartilham esses ambientes. Levando isso em consideração, ao estudar essas paisagens linguísticas da cidade sob o viés cultural, é possível compreender como diversas línguas se inserem no cotidiano da cidade e refletem suas dinâmicas sociais.

A língua, como parte do patrimônio cultural intangível, é integrada na paisagem cultural, refletindo intenções e motivações socioculturais específicas, já que as línguas, como elementos dinâmicos, não podem ser confinadas sem interação e construção identitária (Melo-Pfeifer, Lima-Hernandes, 2020). Nesse ínterim, as paisagens culturais se configuram como produtos culturais que refletem modos de vida e visões específicas, funcionando como repositórios de experiências e sabedoria (Carvalho, Marques, 2019). Assim, a análise das

[7] "LLs are moulded by different circumstances - historical, social, political, ideological, geographic and demographic - and at the same time, illustrate processes that are inherent to their own dynamic, which, in turn, participate in melding of winder social and cultural reality" (Ben-Rafael, Shohamy, Barni, 2010, p. 13).

paisagens linguísticas está intrinsecamente ligada à análise das paisagens culturais, o que reforça a cidade de São João del-Rei como um espaço valioso de investigação.

Pensando-se no ensino de língua inglesa e o material autêntico oferecido pelas paisagens linguísticas que contemplam o multilinguismo em São João del-Rei, no tópico seguinte discorremos sobre a cidade como locus de aprendizagem autêntica de línguas.

3.4. A cidade como espaço de aprendizagem autêntica

Sabe-se que um dos desafios mais comuns enfrentados por professores de inglês é motivar os alunos a aprenderem uma nova língua, posto que, muitas vezes, eles tendem a acreditar que não são capazes de aprendê-la, ou mesmo que nunca precisarão usar o que estão aprendendo, visto que sentem uma grande distância entre eles e a língua estrangeira. Entretanto, aprender uma nova língua abre portas para muito além dessas concepções limitantes, trazendo novas possibilidades de expressão e de conexão com o mundo, com as outras culturas e com a nossa também.

É nesse contexto que São João del-Rei passa a ser considerado um espaço de aprendizagem autêntica, onde o ambiente e a cultura local oferecem inúmeras oportunidades para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, podendo conectar os alunos de forma mais profunda ao que estão estudando. Vai de encontro a visão de Freire (2004), que defendia a construção do conhecimento a partir da experiência de vida dos alunos e de sua interação com o mundo, partindo do que é familiar a eles.

Assim, pensamos a cidade como um espaço "repleto de sinais que devem ser decifrados, lidos e interpretados pelos cidadãos"[8] (Gorter, 2013, p. 255). Tais cidades estão carregadas de palavras em outras línguas, notadamente o inglês, trazendo essa língua, estranha e percebida como distante, para o contexto do dia-a-dia das pessoas que nela residem.

Faria e Nascimento (2020) apontam que "todos os elementos que nela são postos possuem um sentido e comunicam algo a determinados grupos" (p. 348). Mas, para que tais elementos sejam significativos e interpretados, é preciso que sejam vistos e percebidos pelas pessoas que passam por eles nas ruas.

Nesse sentido, ao observar e/ou estudar as paisagens linguísticas de São João del-Rei, os estudantes podem compreender melhor as relações entre o uso da língua e o contexto social, reconhecendo como as línguas se inserem em espaços públicos e privados, e como essa dinâmica reflete as interações e as identidades dos habitantes da cidade. Ademais, observar as

[8] "dense with signs that must be deciphered, read, and interpreted by citizens" (Gorter, 2013, p. 255).

paisagens linguísticas de sua própria cidade pode ampliar as perspectivas dos alunos sobre o *status* da língua inglesa e da língua nativa, bem como sobre como elas são vistas socialmente e suas funções em uma sociedade cuja língua predominante é o português. Afinal, para que o ensino seja significativo, prazeroso e efetivo, é necessário que os alunos façam conexões entre a sala de aula e o mundo além dos limites dos muros da escola (Solmaz, 2022).

Por fim, a análise das paisagens linguísticas de uma cidade não se limita à observação das línguas presentes, mas também abre caminho para reflexões mais amplas sobre desigualdades, poder e identidade. À vista disso, explorar essas paisagens pode ser uma estratégia poderosa para promover letramentos críticos, incentivando os alunos a questionarem as relações sociais e culturais que moldam o uso das línguas em diferentes contextos, como será apresentado adiante.

3.5. Letramentos Críticos: lendo o mundo ao nosso redor

No campo da Linguística Aplicada (LA), observam-se perspectivas cada vez mais voltadas para questões práticas e cotidianas nas pesquisas em geral, procurando atender às demandas relacionadas ao uso da língua e às dinâmicas da linguagem em contextos reais. Nesse cenário, segundo Soares (2014), a LA busca não apenas estudar a língua como fenômeno isolado, mas também compreender e responder aos desafios linguísticos presentes na sociedade, tratando a língua como prática social. É nesse sentido que os letramentos críticos e as paisagens linguísticas se entrelaçam, oferecendo um campo fértil para o desenvolvimento de práticas educacionais que vão além da simples decodificação de textos, incentivando, assim, uma análise crítica das práticas discursivas e das influências sociais e ideológicas que permeiam o uso da linguagem no cotidiano.

Todavia, antes de se discutir o conceito de letramentos críticos, é essencial entender o que se compreende por “letramento” e suas interpretações. Primeiramente, o termo foi introduzido no Brasil na década de 1980 com a publicação da obra “No Mundo da Escrita: Uma Perspectiva Psicolinguística” (1986), da linguista brasileira Mary Kato (Soares, 2009; Santos, 2013; Costa Leite, 2018). Nesse livro, Kato examina o papel da escola em formar indivíduos que sejam funcionalmente letrados, ou seja, que saibam utilizar a linguagem escrita de modo eficaz para atender tanto a demandas sociais quanto a seu desenvolvimento pessoal e cognitivo (Santos, 2013).

No contexto brasileiro, o termo “letramento” ganhou relevância principalmente na perspectiva pedagógica, tendo surgido como uma ampliação gradual do conceito de

alfabetização (Soares, Batista, 2005; Soares 2010). Inicialmente, ele despontou no país como uma tradução do inglês “literacy” , porém, ao contrário da concepção do termo nessa língua, que abrange a ideia de ser letrado, ou seja “educado; especificamente, que tem a habilidade de ler e escrever” (Soares, 2009, p. 36), a palavra “letramento” traz consigo diferenças fundamentais em relação à alfabetização (Soares, 2014). Por mais que sejam processos indissociáveis (Dorini, 2017), essa distinção destaca a importância de compreender o letramento como um fenômeno que envolve não apenas a aquisição das habilidades básicas de leitura e escrita, mas também a capacidade de aplicá-las de maneira significativa no contexto social (Costa Leite, 2018).

Dorini (2017) destaca que a introdução do conceito de letramento teve como objetivo distinguir o processo inicial de leitura e escrita, ou seja, a alfabetização, dos processos mais avançados de utilização do sistema em contextos sociais diversos. Soares (2009), nesse sentido, argumenta que existe uma diferença entre o “ser alfabetizado”, ou seja, ter aprendido a ler e escrever, e o “ser letrado”, que implica utilizar essas habilidades de forma ativa e significativa nas práticas sociais. Ela explica:

> Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser *alfabetizado*, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser *letrado* (atribuindo a essa palavra o sentido que tem *literate* em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever - que se torna *alfabetizada* - e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - que se torna *letrada* - é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever - é *analfabeta* - ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita - é *alfabetizada*, mas não é *letrada*, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita (Soares, 2009, p. 36).

Assim, o termo letramento, conforme descrito por Soares (2009), é entendido como um fenômeno social e cultural que transcende a mera habilidade técnica de alfabetização. Nesse sentido, o termo designa “o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita” (Soares, Batista, 2005, p. 50). Dessa forma, pode-se dizer que o letramento envolve o uso da leitura e escrita para a compreensão e a transformação do mundo. Essa visão redefine o papel da educação, sugerindo que a escola não deve apenas ensinar a ler e a escrever, mas também capacitar os alunos a aplicar essas habilidades de forma crítica e consciente, dando-os a oportunidade de interpretar e de transformar a sociedade em que vivem.

Levando o papel da educação e dos professores em consideração, é essencial explorar perspectivas que vão além da funcionalidade e da aplicação prática da leitura e da escrita no

contexto social. Nesse ínterim, surge o conceito de "letramentos críticos", que busca expandir a ideia de letramento ao incorporar uma dimensão transformadora, focada na compreensão crítica dos textos e das práticas sociais de comunicação.

Os letramentos críticos têm suas raízes nas ideias de Paulo Freire, especialmente em "A Pedagogia do Oprimido" de 1974 (Duboc, Ferraz, 2011; Fajardo, 2015; Costa Leite, 2018). Nessa obra, Freire propõe uma educação voltada para a emancipação e conscientização das classes oprimidas, criticando a "naturalização e o senso comum", que reforçam estruturas de poder (Costa Leite, 2018, p. 115). Embora outros autores apontem diferentes influências para o desenvolvimento dos letramentos críticos, é inegável que esses conceitos são fortemente nutridos pelo pensamento freiriano, que, além de oferecer uma base fundamental, é continuamente reinterpretado, refinado e adaptado para responder aos desafios e contextos da educação contemporânea.

Nesse contexto, Soares (2014) entende letramentos críticos como "um movimento educacional que busca ouvir a voz do aluno e prepará-lo para transformar sua realidade social de forma efetiva" (p. 26). Soares (2014) corrobora Anderson e Irvine que, ainda em 1933, já traziam a ideia de que os letramentos críticos, fundamentados pedagogicamente em uma política da diferença, proporciona aos alunos oportunidades de se tornarem "transgressores de fronteiras"[9] (p. 52).

Para se conceberem os letramentos críticos parte-se do entendimento de que nenhum texto é neutro, ou seja, todos são influenciados por forças ideológicas e sociopolíticas (Cervetti *et al.*, 2001; Santos, 2013). Esse conceito implica que certos grupos detêm o poder sobre as ideologias, as instituições e as práticas sociais, o que reforça a necessidade de uma reflexão crítica. Com base nisso, os letramentos críticos buscam promover uma análise que revele e questione essas relações de poder, a partir do entendimento de que todo conhecimento é ideológico (Cervetti *et al.*, 2001), incentivando os leitores a desenvolverem uma consciência crítica sobre as mensagens transmitidas nos textos e em outros meios, à medida que

> a sociedade, cada vez mais centrada na escrita, exige que os sujeitos tenham domínio do sistema escrito não só na dimensão linguística, mas também sociocultural, para se posicionarem de forma mais crítica e efetiva no meio onde vivem (Dorini, 2017, p. 17).

Assim como os letramentos críticos incentivam uma leitura ativa e questionadora das informações, a análise das paisagens linguísticas também desafia os observadores a interpretar, de maneira crítica, os elementos visuais e textuais dos espaços públicos, visto que

[9] 'border crossers' (Anderson, Irvine, 1993, p. 82).

esses elementos, longe de serem neutros, refletem e sustentam relações de poder, ideologias e identidades culturais. Dessa forma, por meio da observação e da interpretação desses elementos, as pessoas podem desenvolver novas perspectivas geográficas, sociológicas e linguísticas sobre os espaços que frequentam, adquirindo uma compreensão mais ampla e crítica das dinâmicas de suas comunidades (Faria, Nascimento, 2020).

Ao analisar o contexto educacional pelas lentes dos letramentos críticos, percebe-se que essa abordagem busca capacitar os alunos a refletirem de forma crítica sobre as mensagens e intenções subjacentes presentes nas mídias e textos ao seu redor. Essa perspectiva pode ser ampliada para incluir a análise das paisagens linguísticas, promovendo um entendimento mais profundo sobre as relações entre língua, poder e cultura.

As paisagens linguísticas, ao carregarem narrativas sociopolíticas e socioeconômicas, tornam-se instrumentos valiosos para o desenvolvimento da consciência crítica. Isso porque, conforme observado por Kieu (2023), a compreensão plena dessas paisagens depende da capacidade de interpretar o papel e a visibilidade das línguas em espaços públicos, o que exige um olhar atento às relações de poder e à dinâmica social. Dessa maneira, ao explorarem essas paisagens, os aprendizes não apenas identificam os idiomas e os símbolos presentes, mas também questionam as estruturas sociais e ideológicas que as moldam, desenvolvendo uma perspectiva crítica sobre os seus próprios papeis na sociedade.

Além disso, como em muitos territórios que foram alvos de disputas coloniais, o Brasil se apresenta como uma complexa “colcha de retalhos”, onde as paisagens linguísticas refletem essa diversidade cultural e histórica. Nesse sentido, de acordo com Melo-Pfeifer e Lima-Hernandes (2020), algumas dessas paisagens expressam a convivência entre diferentes tradições socioculturais, enquanto outras isolam, em sua riqueza, uma diversidade cultural mantida distante do coletivo. Essa configuração reforça a ideia de que os letramentos críticos, ao explorarem e questionarem essas paisagens, podem levar os membros da sociedade a uma reflexão mais profunda sobre as heranças coloniais e as complexas relações entre cultura, linguagem e identidade.

Ademais, a integração dos letramentos críticos às paisagens linguísticas não apenas conecta o aprendizado a contextos autênticos e significativos, mas também estimula os alunos a questionarem o que observam. Esse processo permite que eles compreendam os significados dos textos e símbolos para além de seu contexto imediato, ano de publicação ou uso local, relacionando-os com outros cenários e culturas.

Como observa Soares (2014), essa prática pedagógica oferece aos alunos ferramentas para desenvolverem uma visão crítica e ativa sobre o mundo, incentivando-os a refletir sobre

as relações de poder e as dinâmicas sociais em que estão inseridos. Além disso, os estudantes passam a compreender seu papel e sua importância como cidadãos globais, aptos a interagir e a contribuir de maneira crítica e responsável com o mundo ao seu redor.

A seguir, discutiremos mais a fundo acerca da utilização das paisagens linguísticas no contexto educacional.

3.6. Paisagens Linguísticas e ensino crítico de língua inglesa

No mundo globalizado de hoje, a língua inglesa desempenha um papel central como meio de comunicação entre não nativos[10]. Nesse sentido, o conceito de inglês como Língua Franca (ELF) destaca o papel central que esse idioma desempenha nas interações globais contemporâneas, especialmente entre falantes de diferentes línguas maternas, conforme apontam Gimenez *et al.* (2015). Esse fenômeno reflete não apenas a popularização do inglês em contextos multiculturais, mas também a sua importância no ambiente escolar. Ao compreender o papel do inglês no mundo, os alunos podem ampliar as suas possibilidades de comunicação e de conexão global, reforçando a relevância do ensino desse idioma nas disciplinas escolares. Ademais, aprender um novo idioma auxilia no conhecimento, mais aprofundado, de outras culturas, bem como de sua própria, enriquecendo o repertório do sujeito.

Nesse sentido, as paisagens linguísticas podem se destacar como uma valiosa ferramenta de aprendizagem autêntica de uma segunda língua (Gorter, Cenoz, 2017; Melo-Pfeifer, Lima-Hernandes, 2020; Solmaz, Przymus, 2021; Gorter, Cenoz, van der Worp, 2021; Solmaz, 2022). As salas de aula de inglês, em particular, se beneficiam, exponencialmente, da inclusão dessas paisagens, uma vez que essa língua e sua(s) cultura(s) está(ão) amplamente presentes no cotidiano das pessoas em diversas partes do mundo (Solmaz, Przymus, 2021). Assim, o trabalho com as paisagens linguísticas em sala de aula potencializa a compreensão da integração entre contextos formais e informais (extra-escolares) de aprendizagem e o uso de línguas (Melo-Pfeifer, Lima-Hernandes, 2020), proporcionando aos alunos a oportunidade de observar seu uso real em contextos diversos, conectando-os diretamente ao modo como o idioma é vivenciado globalmente. A ideia é de que a escola, nesse contexto, seja um espaço que proporcione experiências significativas (Faria, Nascimento, 2020), e, assim, aproxime o aluno de uma aprendizagem que faça sentido

[10] Estima-se que o inglês seja falado por aproximadamente 1,348 bilhão de pessoas em todo mundo, das quais apenas 379 milhões são falantes nativos (Santander Universidades, 2023).

e que tenha relevância para sua realidade cotidiana.

Solmaz (2022) apresenta seis razões pedagógicas para o uso das paisagens linguísticas na aquisição de uma segunda língua. Primeiramente, elas proporcionam acesso a materiais autênticos e gratuitos, oferecendo um contato maximizado com a língua e permitindo que os alunos criem conexões com contextos familiares. Em segundo lugar, elas proporcionam a oportunidade de aprendizado incidental, em que os alunos, ao se depararem com o uso da língua em situações reais, podem internalizar padrões gramaticais e construções sintáticas de forma mais natural. Outro ponto relevante, em terceiro lugar, é a contribuição para a competência simbólica e pragmática dos aprendizes, assim como para o desenvolvimento de letramentos multimodais críticos, evidenciando a relação entre diversas formas de expressão, como linguagem, imagem, cor e construção espacial.

Um outro aspecto apontado pelo autor, em quarto lugar, é que os estudantes, ao trabalharem com as paisagens linguísticas, podem deixar de ser apenas aprendizes de uma língua e se tornarem os próprios pesquisadores desse idioma. Thornbury, ainda em 2012, já defendia o trabalho com as paisagens linguísticas como um meio de tornar os alunos "detetives da linguagem"[11]. Em quinto lugar, ao buscar diferentes paisagens linguísticas, gerar dados, documentar elementos linguísticos e analisar esses materiais, o autor aponta outro benefício, onde os alunos são encorajados a fazer conexões entre a sala de aula e o mundo além dos muros da escola, o que amplia a relevância do que é ensinado em aula. Essa interação pode ser promovida tanto por meio de atividades em sala de aula, como a análise de fotografias, quanto por experiências práticas nas quais os alunos exploram sua própria cidade, seja ela histórica ou moderna, e analisam suas paisagens linguísticas.

Finalmente, em sexto lugar, é mostrado que utilizar as paisagens linguísticas como ferramenta pedagógica pode criar oportunidades para o pensamento criativo e analítico, permitindo que os alunos reflitam sobre o uso da linguagem na sociedade e se conscientizem de seu próprio contexto sociolinguístico. Ao explorar questões como a relevância do inglês em termos de hierarquia, *status* e poder, os estudantes desenvolvem uma compreensão mais crítica sobre o papel social da língua inglesa, ao mesmo tempo que reconhecem o valor do aprendizado de outras línguas. Outrossim, como apontam Solmaz e Przymus (2021), essa abordagem pode criar um ambiente favorável para que os alunos discutam temas relacionados à globalização, cidadania global, o inglês como Língua Franca e práticas como *translanguage* e *language play*, que envolvem a alternância fluida entre diferentes línguas e o uso lúdico da linguagem, engajando-os em tarefas reais e significativas que ampliam sua compreensão da

[11] "language detectives" (Thornbury, 2012, *online*).

diversidade linguística e suas funções sociais.

A próxima seção abordará a metodologia utilizada neste estudo, detalhando os procedimentos de geração e análise de dados, bem como as estratégias adotadas para investigar a aplicação prática dos conceitos apresentados.

4. Metodologia

A presente pesquisa pode ser definida como qualitativa, visto que a nossa preocupação se dá "com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais" (Silveira, Córdova, 2009, p. 32). Nesse sentido, a investigação busca analisar como as paisagens linguísticas de São João del-Rei refletem as interações culturais e sociais da cidade, considerando as influências históricas e contemporâneas que moldam esse espaço.

Para tanto, cronologicamente, o primeiro movimento deste trabalho consistiu em uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, buscando aprofundar a compreensão dos conceitos envolvidos. Dessa forma, entre os meses de março e agosto de 2024, o foco residiu sobre as leituras recomendadas, bem como de outras fontes que surgiram ao longo do desenvolvimento do tema e das questões que emergiram durante o processo de estudo, quais sejam: paisagens linguísticas, letramentos críticos, para citar alguns, a fim de haver um entendimento geral do campo. Em um segundo momento, buscamos materiais sobre a análise crítica de paisagens linguísticas relacionando-a ao ensino da língua inglesa; pesquisas que tratam de projetos e materiais na área de ensino e aprendizagem de língua inglesa por meio de paisagens linguísticas; textos que relacionam o desenvolvimento da criticidade por meio do trabalho com as paisagens linguísticas, para mencionar alguns.

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1995, *apud* Gerhardt, 2009), a seleção das leituras deve ser cuidadosamente planejada para ser eficaz. Eles sugerem que a leitura comece por textos de síntese, seguidos por textos que ofereçam não apenas dados, mas também análises e interpretações, além de considerar diferentes abordagens sobre o tema e selecionar adequadamente as fontes de informação. Essas orientações foram essenciais na escolha dos materiais estudados, garantindo que a pesquisa bibliográfica fosse bem-embasada e enriquecedora para o desenvolvimento do trabalho.

Durante essa etapa inicial, foram feitos fichamentos das leituras realizadas, parte essencial para dar direcionamento a este trabalho. A maioria das citações, referências e comentários extraídos desses fichamentos contribuíram significativamente para a definição

dos objetivos, gerais e específicos, fornecendo a base teórica necessária para o desenvolvimento do estudo.

Posteriormente, foram apresentados os referenciais teóricos que trazem em seu bojo tópicos sobre as paisagens linguísticas; a cidade enquanto espaço de pesquisa, de cultura e de aprendizagem autêntica; os letramentos críticos e as paisagens linguísticas relacionadas ao ensino crítico de língua inglesa.

Previamente à análise de paisagens linguísticas de São João del-Rei, a partir de uma perspectiva crítica, foram escolhidos os materiais de análise. Inicialmente, o foco residiu na fotografia de qualquer tipo de paisagem linguística, de São João del-Rei, que apresentasse estrangeirismos, com destaque para aquelas que combinassem inglês e português, uma vez que o foco era, posteriormente, apresentar possibilidades pedagógicas para a aula de língua inglesa. A suposição prévia era a de que seria difícil encontrar muitas paisagens multilíngues em São João del-Rei, posto que as pesquisas na área, geralmente, acontecem em cidades cosmopolitas. No entanto, surpreendentemente, foi identificado uma variedade significativa de exemplos multilíngues distribuídos por diferentes áreas da cidade.

Para a seleção das fotografias, foi priorizada a diversidade de gêneros textuais, de modo a enriquecer a análise. Assim, escolhemos os seguintes exemplos: placa de estabelecimento comercial, sinalização, camiseta, embalagem de produto em supermercado e uma folha fixada em um mural no campus Dom Bosco da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Essas fotografias, que serão detalhadas na próxima seção, foram capturadas em locais estratégicos e de grande fluxo de pessoas, proporcionando uma visão abrangente das dinâmicas linguísticas da cidade.

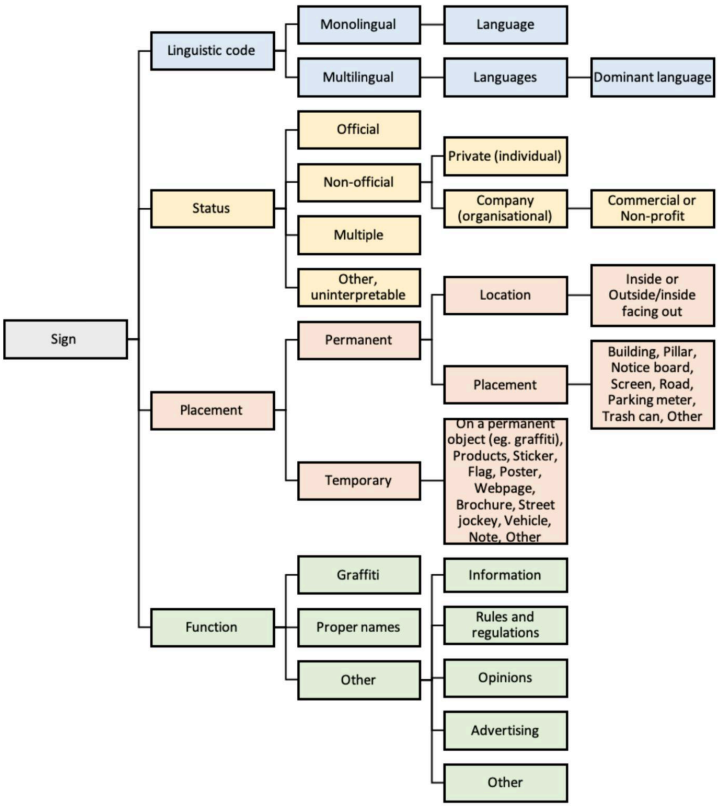
De acordo com Dagenais *et al.* (2009), as cidades podem ser entendidas como espaços ricos em sinais que os cidadãos precisam interpretar, ler e decifrar. Assim, entendemos os textos, sejam eles verbais ou não verbais, como não transparentes, ou seja, são passíveis de diversas interpretações, sendo que estas, podem ser ensinadas. Entendendo-se a língua como discurso, partindo da concepção de Letramentos Críticos de Lankshear e McLaren (1993), reiteramos o que Janks (2012) postula, ao falar sobre imagens publicitárias e midiáticas, “discursos poderosos continuam a falar por nós e através de nós. Nós normalmente nos tornamos agentes inconscientes de sua distribuição” (p. 150).

Assim sendo, a análise das paisagens linguísticas escolhidas se insere na perspectiva de cunho interpretativista, levando em consideração que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos” (Silveira, Córdova, 2009, p. 35). Nesse contexto, o foco está na análise de aspectos da paisagem linguística de São João

del-Rei com o intuito de fornecer *insights* que possam ser aplicados ao campo educacional. Nesse ínterim, a pesquisa visa também explorar como as imagens multilíngues presentes na paisagem urbana podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas, permitindo que professores e alunos façam conexões entre o conteúdo aprendido em sala de aula e o mundo real, além de fomentar os letramentos críticos por meio da observação e da análise das dinâmicas sociais e linguísticas da cidade.

Para se realizar a investigação, baseamos-nos, primeiramente, no *framework* (Figura 1) proposto por Coqc *et al*. (2020). Essa estrutura foi escolhida por sua capacidade de combinar, de forma integrada, aspectos teóricos e metodológicos, facilitando a compreensão não apenas das línguas e linguagens envolvidas, mas também dos elementos semióticos que compõem essas paisagens. Além disso, apoiamo-nos em vários materiais de análise e materiais pedagógicos de paisagens linguísticas, advindos de países como Índia, Estados Unidos, Brasil, Canadá, Bélgica, China, para citar alguns. Pautamo-nos na perspectiva dos Letramentos Críticos (Cervetti *et al*., 2001; Soares, 2009; Costa Leite, 2018) e das Paisagens Linguísticas (Gorter, 2013; Wang, 2015; Faria, Nascimento, 2020; Blackwood, Amos, 2024), além de considerarmos diferentes autores para a análise de cada imagem escolhida, a fim de ampliar os elementos interpretados. Destarte, nem todos os autores apontados "[...] formam um bloco homogêneo de concepções e entendimentos. No entanto, há nuances que os aproximam e cada um, por ângulos peculiares" (Momo, 2007, p. 29).

Figura 1 - Ilustração gráfica do esquema de codificação para sinais



Fonte: Coqc *et al.* (2020, p. 20).

Para além do *framework* supramencionado, buscou-se compreender de onde vêm esses discursos, a quem eles representam, a que interesses servem, o que eles silenciam, quais concepções de língua os subjazem. Tal postura questionadora e essa ação problematizadora perante a textos/discursos é um dos objetivos dos letramentos críticos, pois, de acordo com Janks (2016), entender a linguagem e a forma como ela é usada estão no centro do que significa letrar criticamente. Cervetti, Pardales e Damico (2001, p. 09) acrescentam que "os leitores críticos devem compreender as maneiras como os textos retratam uma visão de mundo e posicionam os leitores para ler e interpretar esse mundo retratado de maneiras particulares, para que possam resistir ou revisar essas representações, conforme o caso".

Finalmente, elencamos as possibilidades pedagógicas para associar o trabalho de paisagens linguísticas ao ensino e aprendizagem de língua inglesa a partir do uso e da análise de imagens autênticas espalhadas pelas cidades.

A seguir, analisaremos as paisagens linguísticas selecionadas de São João del-Rei.

5. Análise das paisagens linguísticas de São João del-Rei

A primeira paisagem linguística selecionada (Figura 2) trata-se da fachada de um estabelecimento comercial identificado como "*For Fitness* - Nutrição esportiva" situado em uma extensa avenida na cidade de São João del-Rei. Essa avenida caracteriza-se pelo alto fluxo de veículos e pedestres, além de estar localizada nas proximidades da rodoviária local, o que reforça sua relevância como ponto estratégico na cidade. Além disso, a região abriga duas escolas estaduais e serve como rota de passagem para o Campus Dom Bosco da UFSJ, atraindo um grande número de estudantes diariamente.

Figura 2 - Placa da loja "*For Fitness*".

Fonte: Foto tirada pela autora.

A análise inicial revela que a placa combina elementos verbais e não-verbais, sendo o *design* visual marcado pela silhueta de um corpo musculoso em destaque, reforçando, dessa forma, a temática voltada ao esporte e ao bem-estar físico. Com relação ao código linguístico, classifica-se como multilíngue, já que utiliza dois idiomas, são eles: inglês e português. Observa-se, entretanto, que não há um equilíbrio entre as línguas, mas ao contrário, tem-se o predomínio do inglês em relação ao português no que tange ao tamanho da fonte, o que pode sugerir uma atribuição de maior *status* ao idioma estrangeiro, conforme discutido por Ferrarotti (2017), evidenciando, assim, as dinâmicas de poder e prestígio que permeiam o uso das línguas em contextos públicos, em que "o inglês é frequentemente associado à modernidade, ao internacionalismo, ao avanço tecnológico ou ao que Rosenbaum *et al.* (1977) chamaram de *apelo esnobe*"[12] (Gorter, 2013, p. 202).

Com relação ao status do sinal, a placa pode ser classificada como não-oficial, com um autor organizacional (empresa), visto que se trata de uma iniciativa privada voltada ao

[12] "English is often associated with modernity, internationalism, technological advancement, or what Rosenbaum *et al.* (1977) called *snob appeal*." (Gorter, 2013, p. 202)

consumo. Além disso, ao se considerar a colocação da placa e ao refletir sobre a sua localização, tem-se que ela está fixada de maneira permanente na parte externa do prédio, com a mensagem voltada para o público que transita livremente pela avenida.

No que diz respeito à sua função/propósito, a placa traz seu nome próprio "*For Fitness*". Entretanto, a frase em seguida, "Nutrição Esportiva", parece buscar afunilar sua clientela às pessoas que são ativas, que buscam uma vida saudável, além de atrair esse tipo de consumidor. Ao focar a expressão "nutrição esportiva" há a tentativa de evocar representações que vão além da imagem de força, retratada pela silhueta do homem musculoso, focando-se na saúde como um todo e não somente em fisiculturistas ou pessoas que fazem musculação, abrangendo um público maior. A própria cor branca, utilizada no letreiro, pode denotar paz, pureza, saúde e espiritualidade, segundo Guimarães (2000), bem como o amarelo, que desperta e traz leveza (Fonseca *et al.*, 2022).

A placa corrobora o ideal de ser humano no mundo pós-moderno em que, segundo Costa e Venâncio (2006),

> o "corpo em forma" passa a integrar o estilo de vida de muitas pessoas, consoante suas crenças, nível socioeconômico e cultural. Ele significa "saúde" para jornais e revistas cujas reportagens tratam o emagrecimento, exercícios físicos, dietas e o corpo "ideal". Os meios de comunicação de massa estão sempre apresentando, genericamente, dicas e receitas para a meta do corpo perfeito. As reportagens abordam variados assuntos: valor calórico da alimentação, tipos de exercícios físicos, cosméticos, queima calórica em diferentes atividades diárias e outros produtos e serviços (p. 62).

Desse modo, a aparência ideal, retratada na placa, vende o discurso da saúde, embasada no corpo perfeito que significa ter poder e *status* dentro da sociedade. Este biopoder é relatado por Foucault (1998) como elemento principal do desenvolvimento do capitalismo, posto que o biopoder requer um grande investimento do poder sobre os corpos, em que saúde, bem-estar, higiene, sexualidade são transformados em preocupações básicas para controle ou disciplina dos indivíduos:

> o exercício do biopoder, por exemplo, pode ser sedutor, chegando a legitimar a importância do corpo e a defender sua saúde e bem-estar. Tudo se passa como se na esfera do biopoder fosse necessário falar e se preocupar cada vez mais com o corpo para melhor controlá-lo (Sant'Anna, 2000, p. 81 e 82).

A singularidade de cada indivíduo é colocada em xeque diante dessa concepção mercantilista do corpo perfeito e de saúde, visto que os ideias de corpo são vendidos em cada esquina, seja na forma de produtos para suplementação, como é o caso da placa analisada, seja sob o formato de atividade físicas do momento, cirurgias estéticas, dentre outros. Aliam-se ao *status* de ter um corpo musculoso, socialmente, desejado à língua inglesa, o que

enseja poder e *status* social também, atraindo, ainda mais, a atenção do consumidor.

Diante dessa análise, uma possibilidade pedagógica seria propor uma atividade de observação e discussão em sala de aula sobre o uso do inglês em comércios locais. Os alunos poderiam percorrer a cidade, fotografando estabelecimentos que utilizam palavras em línguas estrangeiras e refletindo sobre os motivos que levam os comerciantes a optar por esses idiomas. Esse exercício ajudaria a desenvolver o pensamento crítico em relação à presença das línguas na paisagem urbana e seus impactos na identidade e percepção pública.

A segunda paisagem linguística selecionada (Figura 3) apresenta uma placa de sinalização localizada no centro histórico da cidade. Nela, observa-se a coexistência do português e do inglês. O português, sendo a língua local predominante, ocupa maior destaque visual, enquanto o inglês aparece em caracteres menores, desempenhando um papel de acessibilidade voltado para turistas estrangeiros. Essa escolha reflete a importância do turismo na região e a necessidade de adaptação linguística para facilitar a compreensão de visitantes. Nesse contexto, o inglês atua como uma língua funcional, uma vez que, conforme Ferrarotti (2017), é comumente utilizado em placas públicas e oficiais para fornecer informações a turistas e imigrantes que não compreendam a língua oficial do país, sem deixar de valorizar a identidade local, nesse caso, representada pela língua portuguesa.

Figura 3 - Placa de sinalização bilíngue (português-inglês) em uma rota turística.

Fonte: Foto tirada pela autora.

Voltando o olhar para a análise com base no *framework*, observa-se que se trata de

uma placa oficial, de natureza governamental (prefeitura), que visa incluir turistas estrangeiros ao facilitar a compreensão das localizações em São João del-Rei. Ademais, a placa possui caráter permanente, estando fixada na rua de forma visível a todos que por ali transitam. Considerando a função dessa paisagem linguística, tem-se que é informativa, visto que se destaca pela clareza e acessibilidade proporcionadas pelo uso do português e do inglês.

Além das informações bilíngues presentes na placa, as setas direcionais desempenham um papel fundamental na comunicação visual, orientando pedestres de forma universal. Esse recurso, independente dos idiomas, torna a sinalização ainda mais acessível, especialmente para turistas que possam não compreender nenhuma das línguas apresentadas. Assim, as setas reforçam a função informativa da placa, complementando o texto escrito e facilitando a compreensão imediata do direcionamento, destacando a importância dos elementos visuais na paisagem linguística. Levando isso em consideração, é válido também buscar entender a escolha do marrom, que pode ter sido feita por ser uma cor que desperta "o sentimento de maturidade, consciência e responsabilidade" (Fonseca *et al.*, 2022).

Em último plano, é fundamental destacar que a presença dessa paisagem linguística, tão próxima dos alunos, pode ser uma oportunidade valiosa para promover reflexões acerca do uso da língua inglesa, dos motivos que levam à sua adoção e das escolhas subjacentes à sua implementação. Além disso, esse tipo de paisagem linguística também pode servir como ponto de partida para discutir a não tradução de nomes de locais, como igrejas, ruas ou museus, como ocorreu na paisagem analisada, o que evidencia uma valorização da língua local e reforça a identidade regional.

Essa abordagem pode ser incorporada às aulas de língua inglesa de forma crítica e enriquecedora. Por exemplo, ao invés de traduzir palavras derivadas de línguas locais, muitas vezes originadas de línguas indígenas que são parte essencial da cultura brasileira, os professores podem parafraseá-las e aproveitar a oportunidade para compartilhar informações sobre a riqueza cultural do país. Assim, a valorização da língua local e da cultura nacional não apenas enriquece o aprendizado, mas também promove uma visão mais ampla e contextualizada sobre as interações entre as línguas e as culturas.

Nesse sentido, a atenção à paisagem linguística em contextos educacionais pode oferecer um caminho promissor para desenvolver a consciência linguística e práticas de letramento, conforme destacado por Gorter (2013). Além de promover a reflexão sobre o uso da língua inglesa, essa abordagem pode incentivar os alunos a questionarem como as línguas coexistem em diferentes contextos sociais e culturais, e quais implicações isso traz para a valorização do multilinguismo. A paisagem linguística, nesse sentido, não apenas facilita o

aprendizado prático, mas também ajuda a desenvolver um olhar crítico sobre as relações de poder e inclusão que permeiam o uso das línguas em espaços públicos.

A terceira paisagem linguística selecionada (Figura 4) refere-se a uma camiseta, cuja análise exige a consideração de um conjunto de elementos que envolvem não somente aspectos semióticos e linguísticos, mas também contextuais e históricos. É importante mencionar que a compreensão do significado da camiseta não se dá apenas pela leitura direta do texto, mas pela interação entre esses diversos componentes, que conjuntamente contribuem para a construção do seu sentido.

Figura 4 - Foto de uma camiseta que faz alusão à pandemia.

Fonte: Foto tirada pela autora.

A camiseta em questão apresenta a frase "2020 - *Very bad, would not recommend*", acompanhada de uma avaliação simbólica com uma única estrela em um total de cinco. Segundo Gorter (2013), paisagens linguísticas (e por extensão, artefatos linguísticos móveis, como camisetas) servem como reflexos da interação entre linguagem, identidade e espaço social. Dessa forma, a escolha em exibir uma mensagem com humor em inglês exemplifica a forma como as práticas linguísticas locais dialogam com tendências globais, ilustrando a hibridização cultural mencionada por Dagenais *et al.* (2009).

Em relação à análise, trata-se de um sinal que combina elementos verbais e não verbais, sendo o código linguístico utilizado monolíngue, com o inglês como língua escolhida. O *status* da mensagem é não oficial e de natureza privada, uma vez que a camiseta é uma peça pessoal. A localização, por sua vez, é temporária, dado que o uso da camiseta não é constante, variando conforme a escolha do indivíduo, evidenciando, dessa maneira, o caráter transitório da mensagem, que pode estar presente em diferentes lugares e contextos. Além

disso, é válido destacar que a foto foi tirada no Brasil, inserido em uma realidade na qual a coexistência de línguas pode ser analisada para tentar compreender os efeitos da globalização e da influência cultural no cotidiano local. Quanto à sua função, a camiseta expressa uma opinião, funcionando como um meio de comunicação pessoal e individual - embora, nesse caso, pode-se considerar que a maioria das pessoas compartilham do mesmo pensamento.

A importância de ir além, de ler as entrelinhas, para compreender essa camiseta está intimamente ligada à necessidade de interpretar não apenas as palavras, mas também os contextos e significados implícitos nos elementos semióticos que a compõem. O letramento, neste caso, vai além do simples domínio de uma língua, envolve também a capacidade de ler os sinais culturais, sociais e históricos que moldam a mensagem. A capacidade de reconhecer e analisar as informações prévias e os elementos específicos do gênero textual, no caso da avaliação, também desempenham um papel essencial no entendimento e na construção de significado.

Ademais, isto posto, o estudo das Paisagens Linguísticas amplia seu escopo, deixando de se concentrar apenas nos sinais linguísticos impressos, para abranger a interação desses elementos com símbolos, materiais, cores, formas, tamanhos, caligrafia e tipografia, sejam manuscritas ou não. Essa abordagem adota uma perspectiva multimodal e multissemiótica (Jaworski, Thurlow, 2010), na qual cada elemento contribui com informações que vinculam cada representação semiótica a um contexto específico de *status*, hierarquia e função (Melo-Pfeifer, Lima-Hernandes, 2020).

Ao considerar o ano em questão e a avaliação, que frequentemente utiliza estrelas amarelas como indicadores de qualidade, como é comum em filmes, hoteis ou no próprio *YouTube*, pode-se estabelecer uma analogia de que o ano em análise recebeu uma avaliação negativa. Isso se alinha à interpretação do texto na camiseta, cuja mensagem, se traduzida, seria “muito ruim, não recomendaria”. Essa interpretação cria uma conexão direta com o contexto da pandemia, sugerindo que a camiseta, nesse caso, funciona como um meio de expressão pessoal. Nessa situação, a linguagem foi utilizada para expressar sentimentos e emoções, o que caracteriza sua função expressiva (Kelly-Holmes, 2005). A camiseta, ao transmitir uma mensagem pessoal de insatisfação e desaprovação, cumpre justamente essa função de manifestar emoções e opiniões, refletindo o contexto e as experiências do indivíduo em relação a uma determinada situação ou período, como o vivido durante a pandemia.

Uma abordagem pedagógica para a análise da paisagem linguística em questão pode incluir uma atividade de interpretação crítica de mensagens visuais e textuais. Os alunos poderiam levar camisetas, cartazes ou outros objetos com frases em inglês (ou outros idiomas)

e analisar seus significados implícitos, considerando aspectos como contexto histórico, humor, função expressiva e impacto social. Além disso, uma discussão sobre a presença do inglês no cotidiano dos alunos poderia aprofundar a reflexão sobre a influência da globalização na linguagem e na identidade local.

A quarta paisagem linguística selecionada (Figura 5) pode ser identificada em um local de grande circulação e importância cotidiana: o supermercado. Trata-se de uma cartela de ovos, um item essencial na alimentação de muitas pessoas, independentemente de sua classe social. Por ser um produto amplamente consumido, essa cartela é facilmente acessível a um público diversificado, abrangendo diferentes realidades econômicas e sociais.

Figura 5 - Cartela de ovo.

Fonte: Foto tirada pela autora.

De imediato, observa-se que o sinal apresenta um código linguístico multilíngue, combinando o português e o inglês. No entanto, não há equilíbrio entre as línguas: embora o português predomine em quantidade, o inglês se destaca pelo tamanho e formato da fonte, criando uma discrepância visual em relação aos textos em português. Quanto ao *status*, o sinal é caracterizado como não oficial e de natureza organizacional, uma vez que reflete as escolhas estratégicas de uma empresa comercial. Considerando sua localização, trata-se de uma paisagem linguística temporária, já que está vinculada à disponibilidade do produto no mercado. No entanto, permanece de forma permanente enquanto integrada à embalagem do item. Levando em consideração sua função, observa-se que se trata de um recurso publicitário, uma vez que tem como objetivo atrair consumidores e incentivá-los a adquirir a cartela de ovos em questão.

Outros aspectos relevantes incluem a expressão "*happy eggs*" e o certificado presente

na embalagem, "*Certified Humane*", ambos em inglês. A escolha do inglês para esses elementos reforça o apelo comercial e internacional do produto, além de atribuir um tom de qualidade e modernidade, frequentemente associado ao uso dessa língua em contextos de certificação e *marketing*. O termo "*happy eggs*" sugere uma produção ética e sustentável, alinhando-se a valores que atraem consumidores conscientes. Já o selo "*Certified Humane*" destaca um reconhecimento de práticas humanizadas na criação de aves, conferindo credibilidade ao produto por meio de uma linguagem globalizada.

Refletir sobre a escolha das línguas em paisagens linguísticas, como no caso da cartela de ovos analisada, é uma oportunidade de promover a consciência dos aprendizes sobre o papel das escolhas no uso da linguagem. Segundo Reinhardt (2021), desenvolver a consciência linguística dos aprendizes envolve evidenciar como as escolhas linguísticas refletem propósitos comunicativos, valores culturais e estratégias de persuasão. Nesse contexto, ao questionar por que o inglês foi selecionado, mesmo em um produto voltado para um mercado predominantemente de língua portuguesa, os alunos podem compreender como o inglês funciona como um recurso estratégico para atribuir valor ao produto, associando-o a padrões internacionais, modernidade e autenticidade. Essa abordagem ajuda os aprendizes a perceberem que as escolhas linguísticas são intencionais e possuem impacto sociocultural e econômico, fomentando o pensamento crítico sobre os motivos e as consequências dessas decisões em diferentes contextos.

Garcez e Zilles (2001) apontam que

> em uma sociedade como a brasileira, na qual é imensa a disparidade na capacidade de consumo dos cidadãos e na qual a classe social consumidora sofre de grande insegurança social e se mira em modelo externo de consumo, norte-americano[13] ou europeu, não surpreende que o anglicismo se preste para marcar a diferenciação competitiva entre quem dispõe desse capital simbólico e a massa consumidora (p. 23).

Essa observação de Garcez e Zilles (2001) reforça como o uso do inglês em produtos cotidianos, como a cartela de ovos analisada, transcende sua função linguística básica e se torna uma ferramenta de diferenciação social e cultural. O conceito de capital simbólico[14], elaborado por Bourdieu, ajuda a compreender esse fenômeno, ao evidenciar como certos elementos, como a língua inglesa, adquirem prestígio e valor social em determinados

---

[13] Ressalta-se que, no presente contexto, o termo "norte-americanos" é empregado para designar os estadunidenses. Contudo, entende-se que sua utilização adequada seria para se referir aos habitantes de todos os países da América do Norte.

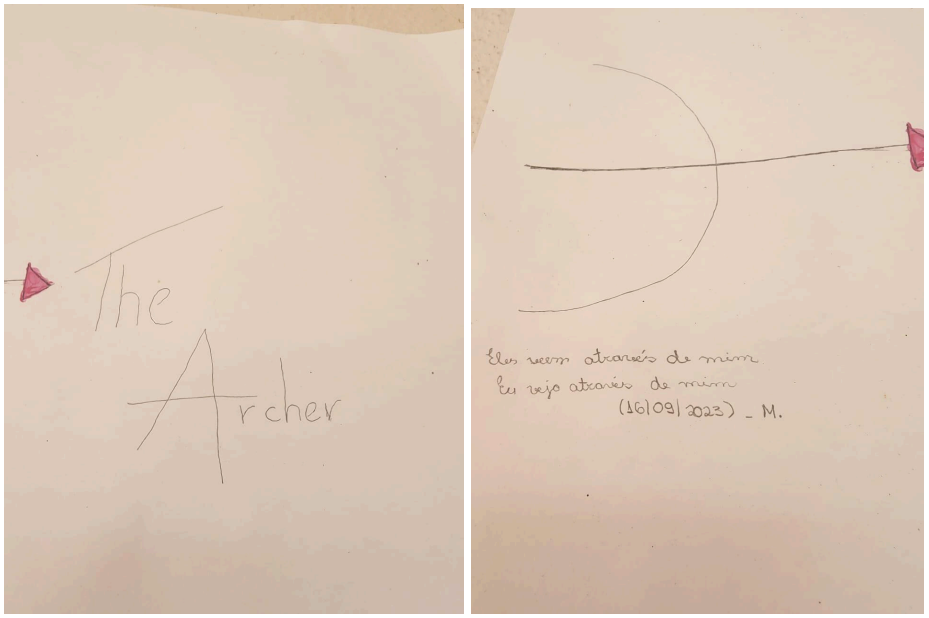
[14] O conceito de capital simbólico refere-se ao prestígio e legitimidade social atribuídos a indivíduos, grupos ou objetos, frequentemente associado a dinâmicas de poder e distinção social (Bourdieu, 2013).

contextos. Em um país marcado por desigualdades econômicas e uma busca por validação por meio de referências internacionais, o inglês é estrategicamente utilizado para conferir prestígio e atratividade a produtos que desejam se destacar no mercado.

A quinta e última paisagem linguística selecionada foi registrada no Campus Dom Bosco da UFSJ. O material consiste em uma folha de papel A4 com textos manuscritos que misturam o português e o inglês, configurando-se como uma paisagem linguística multilíngue. Como ocorreu no caso da cartela de ovos, o português, por mais que predomine em quantidade, não se destaca, em detrimento do inglês, que chama atenção pelo tamanho.

Em uma análise inicial, observa-se que esta paisagem linguística é de *status* não oficial, evidenciado pelo fato de ser uma produção de autoria individual, com caráter privado. O formato manuscrito e a presença de uma assinatura reforçam sua natureza pessoal e íntima, distinta das produções institucionais ou comerciais. Esses elementos indicam tratar-se de uma manifestação autoral, possivelmente vinculada a um momento de introspecção ou criatividade do(a) autor(a).

Figuras 6 e 7 - Paisagem linguística no Campus Dom Bosco da UFSJ.



Fonte: Fotos tiradas pela autora.

As figuras 6 e 7, registradas no Campus Dom Bosco da UFSJ, ilustram essa paisagem. Trata-se de uma folha de papel A4, cujo conteúdo apresenta-se como uma reflexão subjetiva. A mensagem escrita em português, “Eles veem através de mim / Eu vejo através de mim”, carrega elementos artísticos e introspectivos que convidam o leitor a interpretar e interagir com o texto de maneira profunda e pessoal. Por outro lado, a mensagem em inglês, “*The*

Archer", que significa "Uma pessoa que atira flechas com um arco, seja por esporte ou como arma."[15] (Cambridge Dictionary, 2024[16]), acompanhada de um desenho de uma flecha, pode ser interpretada, em conexão com o texto em português, como uma metáfora para algo que tanto atravessa quanto é atravessado, reforçando a ideia de interação e reciprocidade entre o sujeito e o mundo ao seu redor.

A análise do contexto revela que a colocação dessa paisagem não é fixa, dada a facilidade com que uma folha de papel pode ser removida. No dia da captura, ela estava exposta na área externa do campus, acessível a professores, funcionários e alunos. Tal localização, ainda que temporária, permitiu sua visualização por um público variado, ampliando o alcance da mensagem.

Além disso, nota-se uma assinatura "-M." e uma data "16/09/2023", o que sugere a autoria individual e a temporalidade do registro. A presença da inicial pode indicar um desejo de anonimato parcial ou uma marca pessoal do(a) autor(a), enquanto a data situa a produção no tempo, conferindo-lhe um caráter específico e efêmero. Esse detalhe pode ser interpretado como uma intenção de documentar um momento de reflexão pessoal ou artística, atrelado ao contexto universitário.

Entretanto, uma análise mais aprofundada, incluindo a pesquisa na internet sobre os possíveis significados da mensagem, revelou que se trata de um trecho traduzido da letra da música "*The Archer*", da cantora Taylor Swift, de julho de 2019. O destaque dado ao título da música na paisagem linguística sugere uma tentativa de dialogar com fãs da artista e/ou da canção. Há, ainda, uma escolha interessante em traduzir a letra, mas não o título, que, se traduzido, seria "O Arqueiro", preservando o impacto original e talvez reforçando a conexão com o público específico que reconhece a referência em inglês.

Nesse sentido, a utilização do inglês na paisagem linguística em questão pode ter sido criativo-linguística (Gorter, Cenoz, 2017), um subcampo da linguística que estuda a relação entre a linguagem e a criatividade. Esse enfoque examina os aspectos criativos da linguagem e como esta pode ser usada para expressar criatividade. No contexto do ensino, essa abordagem pode ser explorada para estimular a aprendizagem de línguas de forma mais engajante e significativa, incentivando os alunos a reconhecerem e a refletirem sobre o uso criativo da língua inglesa no cotidiano. Isso não apenas aproxima os aprendizes do idioma, mas também promove um letramento crítico e cultural, ao revelar como a criatividade linguística molda as

---

[15] "A person who shoots arrows from a bow for sport or as a weapon" (Cambridge Dictionary, 2024).

[16] Disponível em: https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/archer. Acesso em 15 de dezembro de 2024).

interações sociais e culturais em diferentes contextos.

A análise das paisagens linguísticas de São João del-Rei revelou não apenas a presença significativa da língua inglesa em diferentes contextos, mas também as formas criativas e multifacetadas como ela se manifesta no cotidiano urbano. Essas representações linguísticas, ao mesmo tempo que refletem as dinâmicas culturais e sociais da cidade, oferecem um rico potencial para o ensino de línguas.

A partir dessa perspectiva, passamos agora a discutir como as paisagens linguísticas podem ser utilizadas de maneira prática e inovadora no ensino de língua inglesa, promovendo tanto o engajamento quanto o desenvolvimento do letramento crítico dos alunos.

6. Compilação de possibilidades de uso pedagógico das paisagens linguísticas na sala de aula de língua inglesa

Conforme apontado por Solmaz e Przymus (2021), "as salas de aula de língua inglesa são espaços ideais para a inclusão de paisagens linguísticas devido à forte presença de diversas formas da língua e da cultura inglesa no cotidiano"[17] (p. 10). Nesse sentido, integrar a análise das paisagens linguísticas ao ensino de inglês contribui não apenas para a aprendizagem do idioma, mas também para a construção de um olhar crítico e culturalmente informado sobre o contexto em que os alunos estão inseridos, em que o inglês pode ser visto como uma parte intrínseca do cotidiano. Com esse olhar, é fato que as possibilidades de uso das paisagens linguísticas em sala de aula transcendem o ensino da língua inglesa em si, permitindo reflexões mais amplas sobre as relações entre língua, cultura e sociedade. Entre essas possibilidades, destaca-se a chance de estimular o pensamento crítico e criativo dos alunos, como será explorado nos exemplos a seguir.

6.1. A Familiaridade com a Língua "Estrangeira"

Primeiramente, ao se trabalhar com as paisagens linguísticas na sala de aula de inglês, é possível evidenciar aos alunos, de maneira contextualizada, que não é necessário sair do país para terem contato com o inglês, já que a língua está fortemente presente na paisagem cotidiana da cidade. Essa constatação desmistifica a ideia de que o aprendizado do inglês está exclusivamente associado a viagens internacionais ou à interação com falantes nativos, podendo contribuir, dessa forma, para diminuir a distância percebida entre o aluno e o idioma,

[17] "English language classrooms are ideal spaces for the inclusion of LLs due to the heavy presence of various forms of English language and culture in the everyday landscape." (Solmaz, Przymus, 2021, p. 10)

mostrando que ele faz parte do seu entorno e está acessível no dia a dia.

Por meio da análise das paisagens linguísticas da cidade, é possível identificar a presença do inglês em diversos espaços e situações, como nomes de estabelecimentos comerciais, menus, anúncios publicitários, placas informativas e expressões artísticas, como grafites. Isso permite aos alunos enxergar o idioma como parte de sua vivência diária, reforçando sua importância e aplicabilidade prática. Além disso, como destacam Cenoz e Gorter (2008), a exploração das paisagens linguísticas no ensino proporciona experiências autênticas, incentivando o desenvolvimento da consciência linguística e a valorização da diversidade cultural.

Um exemplo interessante para ilustrar o desenvolvimento da consciência linguística pode ser encontrado na análise da cartela de ovos mencionada anteriormente neste trabalho. Embora a cartela seja um item comum, facilmente encontrada em qualquer mercado, ela revela a presença do inglês, evidenciando como a língua se insere de maneira genuína no cotidiano e como é utilizada enquanto capital simbólico. Ao trazer esse exemplo para a sala de aula, os alunos podem perceber que, mesmo em algo tão simples, como uma embalagem de ovos, o inglês é utilizado para além da comunicação de informações, também para transmitir valores de marca e características do produto. Como mencionado anteriormente, isso contribui para desmistificar a ideia de que o inglês está distante ou restrito a contextos internacionais e reforçar a percepção de que a língua está constantemente presente no ambiente ao nosso redor, desde os mais comuns aos menos frequentados. Além de dar margem a discussões e atividades em prol de romper com o *status quo*, de desenvolver a justiça social e ler criticamente o mundo à nossa volta.

6.2. Multimodalidade e Análise Crítica

De acordo com Cenoz e Gorter (2008), "o uso da paisagem linguística na aquisição de segunda língua oferece uma oportunidade para analisar como o significado é construído por meio de diferentes modalidades"[18] (p. 283). Isso envolve identificar, interpretar, criar e se comunicar utilizando uma ampla variedade de recursos semióticos, como elementos linguísticos, digitais, visuais, orais, corporais, espaciais e musicais (*ibid.*). Essa observação destaca o potencial pedagógico das paisagens linguísticas no ensino de inglês, possibilitando a análise crítica de como significados são criados e negociados por meio de múltiplas modalidades, como foi feito na análise das paisagens linguísticas trazidas neste presente

[18] "the use of the linguistic landscape in SLA offers an opportunity to analyse how meaning is constructed by using different modalities" (Cenoz, Gorter, 2008, p. 283).

trabalho.

Ao incorporar a análise multimodal em sala de aula, os alunos podem explorar como diferentes elementos visuais e textuais interagem para comunicar ideias e influenciar interpretações. O objetivo é desenvolver indivíduos multiletrados, ou seja, aqueles capazes de analisar as relações entre esses elementos e construir significados a partir de diversas formas de texto e informações em diferentes contextos (Pennycook, 2019).

Por exemplo, sinais, anúncios e embalagens de produtos frequentemente combinam o inglês com elementos visuais, visando reforçar valores como modernidade, sofisticação e/ou autenticidade. Essa abordagem crítica, de ir além do texto, seja ele verbal ou não verbal, permite que os aprendizes reflitam sobre as intenções subjacentes às escolhas linguísticas e visuais, possibilitando a compreensão das interações entre linguagem, cultura e práticas sociais. Dessa forma, eles podem se tornar participantes críticos dessas representações, em vez de meros espectadores passivos.

A professora Nadja Kerschhofer-Puhalo propôs um modelo intitulado "MODIPLAC" (Tabela 1) para explorar o significado dos sinais nas paisagens linguísticas (Melo-Pfeifer *et al.*, 2022). Esse modelo foi desenvolvido no contexto de um projeto de pesquisa chamado "*My Literacies*", realizado com crianças do ensino fundamental. Nesse projeto, as crianças examinaram textos de seu cotidiano, como sinais em espaços públicos (*cityscape*), na escola (*schoolscape*) e em casa (*homescape*). As crianças fotografaram sinais em diferentes idiomas e, por meio de discussões sobre as fotos, foi possível entender como elas percebem e interpretam esses sinais.

Tabela 1 - Modelo MODIPLAC.

MO	MODES	semiotic resources such as writing, image, colour, layout
DI	DISCOURSES	discourses, topics, opinions
PL	PLACES	placement in physical and social space
AC	ACTORS	actors, authors, designers, clients as well as addressees or readers

Fonte: Melo-Pfeifer *et al.* (2022, p. 35).

O modelo descreve quatro dimensões de significado nos textos: modos (recursos semióticos como escrita, imagem, cor, disposição), discursos (temas, tópicos e opiniões), lugar (localização no espaço físico e social) e atores (atores, autores, designers, receptores clientes e leitores). Melo-Pfeifer *et al.* (2022) desenvolveram um modelo simplificado (Tabela 2) para fins didáticos, que utiliza perguntas simples sobre o texto ou sinal[19]. As perguntas orientadoras, como *como*, *o que*, *por que*, *quem* e *onde*[20], auxiliam na busca por significados mais complexos nos sinais.

Tabela 2 - Perguntas sobre as dimensões de significado de um texto ou sinal.

Guiding Questions	Examples	Dimensions of Meanging
How?	Which elements contribute to the meaning of the sign? What language(s), dialects, styles, fonts, typefaces etc. are used? How are linguistic and non-linguistic means (e.g. images, colours, etc.) combined?	Modes & codes
What? Why?	What is being written or talked about? What topics, opinions, perspectives, world views etc. Do the authors or readers have?	Discourses
Where?	Where can the sign be found? Does this place give the sign a specific meaning that would not make sense in another place?	Place & space
Who? What for?	Who wrote/designed/hung/commissioned the sign? Who is behind the sign? In whose name is it being displayed? What is the text intended to achieve? What should the readers do/believe/think?	Actors, actions, intentions

Fonte: Melo-Pfeifer *et al.* (2022, p. 37).

Melo-Pfeifer *et al.* (2022) destacam que o modelo foi projetado de forma clara e simples, com a intenção de incentivar as crianças a fazerem perguntas e compartilharem suas próprias reflexões e interpretações ao responderem a questões básicas. As autoras salientam,

[19] As perguntas podem ser ajustadas e/ou traduzidas de acordo com o nível de compreensão da língua-alvo dos alunos.

[20] No original, as perguntas são *how*, *what*, *why*, *who* e *where* (Melo-Pfeifer, 2022).

também, que a presença do inglês nos anúncios foi outro tema importante discutido. Nesse sentido, as autoras corroboram Gorter (2013), que afirma que "a atenção à paisagem linguística em um contexto educacional oferece um caminho promissor de ensinar sobre consciência linguística e práticas de letramento"[21] (p. 203). A flexibilidade do modelo permite que ele seja ajustado para atender às necessidades específicas dos alunos, seja em termos de idade, nível de compreensão ou temas explorados, como ressaltado pelas autoras. Assim, a paisagem linguística se torna uma rica ferramenta para o ensino de línguas, promovendo uma análise multimodal crítica e o engajamento dos alunos com o ambiente ao seu redor.

6.3. Estrangeirismos, usá-los ou não usá-los?

O debate sobre o uso de estrangeirismos, especialmente em contextos educacionais e culturais, transcende a mera escolha linguística, envolvendo questões de identidade, poder e representação, como visto no decorrer deste trabalho. Termos oriundos de outras línguas, como o inglês, não apenas refletem tendências globais, mas também podem carregar significados simbólicos que podem reforçar ou desafiar dinâmicas sociais. Nesse cenário, o conceito de *redesign*, proposto por Janks (2010), oferece uma oportunidade de uma abordagem crítica e transformadora, permitindo que os aprendizes (des)(re)construam essas influências linguísticas de maneira consciente e crítica.

O *redesign*, entendido como um processo de desconstrução e reconstrução de textos e práticas, pode ser utilizado tendo em vista incentivar os estudantes a analisarem criticamente as mensagens implícitas e explícitas nas representações linguísticas que os cercam, além do impacto dos estrangeirismos, e, em seguida, (re)imaginá-las de maneiras que possam incluir seus próprios pontos de vistas, suas vivências, opiniões, realidades, permitindo uma reconstrução que desafie estruturas de poder excludentes e fomente a convivência justa e respeitosa entre diferentes perspectivas e culturas.

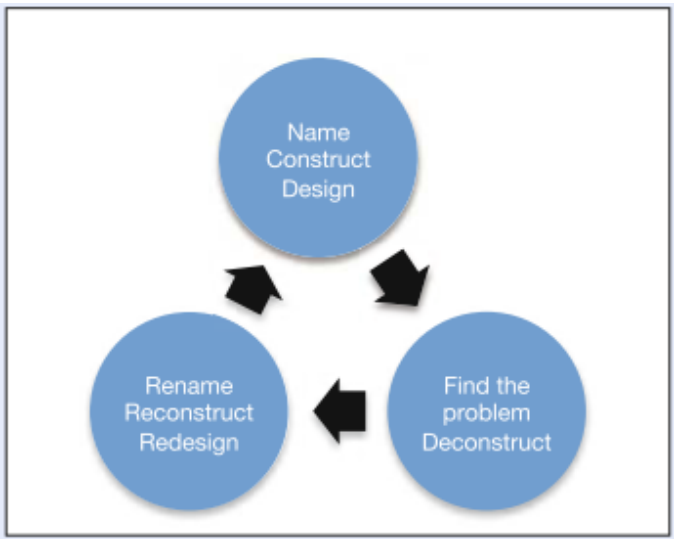
A autora apresenta o que ela chama de "o ciclo de *redesign*"[22] (Figura 8), composto por três fases principais que se complementam, mas não se sobrepõem. A primeira fase é nomear, construir e projetar o contexto ou objeto de análise, com o objetivo de identificar suas características e intenções subjacentes. Na segunda fase, busca-se identificar problemas e desconstruir discursos e práticas, revelando as relações de poder e as desigualdades existentes. Por fim, a terceira fase propõe renomear, reconstruir e redesenhar, abrindo caminho para a

[21] "The attention to the linguistic landscape in an educational context provides a promising way to teach about language awareness and literacy practices" (Gorter, 2013, p. 203).
[22] "The redesign cycle" (Janks, 2010).

criação de novas possibilidades mais justas e inclusivas, que promovam a equidade e transformações sociais significativas.

É justamente nessa última etapa que o pensamento crítico atinge seu ápice e a produção dos alunos ganha forma, aproximando a língua estrangeira de sua realidade de maneira significativa e transformadora. Nesse sentido, a análise de paisagens linguísticas no contexto educacional pode oferecer *insights* valiosos para a preservação de culturas locais e para o desenvolvimento de políticas linguísticas que respeitem e promovam a diversidade.

Figura 8 - *The redesign cycle.*



Fonte: Janks (2010, p. 183).

Conectando com o contexto das paisagens linguísticas, na primeira etapa, os alunos são convidados a atuar como "detetives da linguagem" (Thornbury, 2012), gerando dados por meio da observação de paisagens linguísticas em seus bairros ou cidades. Assim como no trabalho atual, eles podem tirar fotografias das diferentes representações linguísticas presentes no ambiente, proporcionando uma análise mais profunda sobre a distribuição das línguas e suas conexões com o contexto social e cultural local. As seguintes perguntas[23], baseadas em Solmaz (2021), podem ajudá-los nessa reflexão:

1) What do you see in terms of texts and signs/symbols?

2) What kind of messages are given through this linguistic landscape?

3) Why do you think this linguistic landscape is supported with multimodal elements?

4) Where did you find it? Is it something common in this place?

5) For whom would you say this linguistic landscape was designed for?

[23] As perguntas podem ser ajustadas e/ou traduzidas de acordo com o nível de compreensão da língua-alvo dos alunos.

6) Do you think the color choices in this linguistic landscape are on purpose? Why (not)?

Na segunda etapa, os aprendizes examinam criticamente as relações de poder e desigualdades implícitas nas paisagens linguísticas. Por exemplo, em um contexto onde o inglês domina as paisagens linguísticas, pode-se desconstruir essa hegemonia analisando como ela reforça a ideia de que outras línguas (como o português ou línguas indígenas) têm menor valor ou importância. Para auxiliar nesse processo de reflexão, as perguntas que seguem podem auxiliar:

1) Is any language placed in a privileged position compared to another? If so, why?

2) Is there any exclusion of a language or social group?

3) What stereotypes or inequalities are perpetuated by these choices?

Na última etapa desse processo, os aprendizes são incentivados a redesenhar as paisagens linguísticas com base em suas reflexões críticas. Esse é o momento em que o aluno pode ser convidado a refletir mais profundamente sobre o uso de estrangeirismos, decidindo se deseja incluí-los ou não, e, caso decida, de que forma fazê-lo. Eles podem criar versões alternativas de textos ou sinalizações, incorporando diferentes línguas, como o português, o inglês, línguas indígenas, etc. Além disso, podem produzir novos elementos visuais que tenham a ver com sua própria bagagem, que seja produto da reflexão no decorrer desse processo de *redesign*.

Um exemplo poderia ser a análise, desconstrução e reconstrução da terceira paisagem linguística apresentada neste trabalho, que foi a camiseta (Figura 4). Os alunos poderiam, de forma crítica e criativa, trazer uma blusa velha que tivessem em casa e dar uma nova interpretação à camiseta da paisagem linguística apresentada. Eles poderiam escolher um ano ou uma situação diferente, seja vivenciada globalmente, pela sua comunidade ou por eles mesmos como forma de contribuir criticamente para a produção do visual dessa camisa. Dentre as propostas de atividades práticas com camisetas, Solmaz (2021) traz

> desenhar e criar uma camiseta ao incorporar elementos multilíngues e multimodais, fazendo escolhas deliberadas sobre os seguintes aspectos: tipo e tamanho da fonte, cores da camiseta e dos textos, e o status socioeconômico do público-alvo[24] (p. 33).

[24] "designing and creating a t-shirt by incorporating multilingual and multimodal elements by making deliberate choices on the following: type and size of font, colors of dress and texts, socio-economic status of the target audience" (Solmaz, 2021, p. 33).

Uma proposta alternativa seria o uso de uma ferramenta de inteligência artificial para auxiliar nessas (re)criações. A ferramenta *Imagine Anything*[25] permite gerar imagens, de modo gratuito, a partir de descrições textuais detalhadas, o que poderia ser aproveitado também para estimular o uso da língua-alvo. Essa tecnologia utiliza inteligência artificial para criar representações visuais baseadas nas ideias e conceitos fornecidos, ou seja, o produto do *redesign*.

7. Considerações finais

Este trabalho surgiu da necessidade de buscar alternativas autênticas e envolventes para o ensino de línguas. Nesse contexto, as paisagens linguísticas se destacam como potenciais recursos nesse processo, uma vez que estamos constantemente expostos a elas. Dessa forma, voltando nossos olhos ao ensino e aprendizagem de inglês, percebemos o quanto a língua se infiltra em nosso cotidiano por meio das paisagens linguísticas, mesmo que sejamos um país cuja língua oficial é o português brasileiro.

Esta pesquisa buscou analisar como as paisagens linguísticas podem ser incorporadas à sala de aula para promover os letramentos críticos e aproximar os alunos da língua inglesa por meio de experiências autênticas e significativas. Diante disso, as paisagens linguísticas de nossas cidades tornam-se alternativas para ajudar a trazer esta língua "estrangeira" para perto de nossos alunos, transformando-a em algo mais familiar, menos estranho e distante, como foi no caso deste trabalho, em que foram utilizadas algumas paisagens linguísticas de São João del-Rei/MG.

No que tange à cidade de São João del-Rei, buscou-se, primeiramente, entendê-la como espaço de pesquisa e de cultura, ancorando-se em sua riqueza histórica e sua herança cultural. Nesse sentido, a língua se revelou como um elemento importante desse cenário, refletindo não apenas a memória histórica, mas também as transformações que a cidade vivencia no contexto de um mundo altamente globalizado. Ademais, a cidade como espaço de aprendizagem autêntica é central nessa discussão, visto que todos os elementos inseridos em uma cidade têm um propósito e transmitem uma mensagem específica para determinados grupos (Faria, Nascimento, 2020). Ao observar a paisagem linguística da cidade, os alunos podem perceber a interação entre línguas, como o português e o inglês, e refletir sobre o significado dessas interações.

É importante destacar que o trabalho explorou, também, como o estudo das paisagens

[25] Disponível em: https://www.imagineanything.ai/. Acesso em 07 de dezembro de 2024.

linguísticas oferece uma rica oportunidade para entender como as línguas interagem e refletem as dinâmicas sociais, culturais e históricas em um determinado espaço. No contexto da cidade analisada, revelou não apenas a presença marcante da língua inglesa em espaços públicos, mas também como essa presença reflete o impacto da globalização em uma cidade como São João del-Rei. Essa observação reforça a importância de se considerar o papel das línguas no cotidiano urbano e como elas moldam a percepção das comunidades locais sobre o multilinguismo, principalmente dos alunos, como se deu o foco deste trabalho.

A análise das paisagens linguísticas selecionadas foi conduzida sob uma perspectiva crítica, evidenciando um volume significativo de informações em inglês disseminadas pela cidade. Considerando que as variações na paisagem linguística de cada local influenciam diretamente na construção das identidades desses espaços (Faria, Nascimento, 2020), buscou-se compreender as motivações por trás da escolha da língua inglesa, tendo essas escolhas variado desde a tentativa de transmitir uma imagem de modernidade e, por conseguinte, cobrar mais caro pelo produto oferecido, até o desejo de expressar criatividade por meio da escolha de uma língua estrangeira.

Por fim, buscou-se trazer possibilidades pedagógicas considerando as paisagens linguísticas. A integração de paisagens linguísticas no ensino de inglês é uma abordagem rica em potencial para desenvolver competências linguísticas, críticas e culturais. Nesse sentido, a paisagem linguística, no contexto educacional, oferece uma abordagem promissora para o ensino de multilinguismo, consciência linguística e práticas de letramento (Gorter, Cenoz, 2017). A análise dessas paisagens permite que os alunos se conectem com o inglês em seu contexto local, desmistificando barreiras e promovendo uma compreensão mais profunda das interações entre língua, cultura e sociedade. Ao pensar nessas possibilidades, tentou-se conectar o aprendizado de uma língua estrangeira, como o inglês, ao cotidiano local, aproveitando o contexto da cidade como ferramenta pedagógica.

À guisa de conclusão, faz-se importante mencionar que a análise crítica presente neste trabalho abre diversas possibilidades pedagógicas que podem ser adaptadas conforme as necessidades de cada contexto urbano, permitindo que os professores integrem aspectos da cidade ao processo de ensino. A cidade, com sua diversidade linguística e cultural, oferece um ambiente rico para o desenvolvimento de atividades que promovam a consciência linguística, o multilinguismo e as práticas de letramento. Assim, futuras pesquisas podem expandir essa abordagem, adaptando-a a diferentes realidades e enriquecendo a prática pedagógica de forma dinâmica e inovadora.

8. Referências

ANDERSON, G.; IRVINE, P. Informing critical literacy with ethnography. *In:* LANKSHEAR, C.; McLAREN, P. (Eds.). **Critical literacy**: Politics, praxis, and the postmodern. Albany. NY: SUNY Press, 1993. p. 81-104.

BACKHAUS, P. Multilingualism in Tokyo: A look into the linguistic landscape. *In:* GORTER, D. (Ed.). **Linguistic Landscape**: A New Approach to Multilingualism. Clevedon: Multilingual Matters, 2006. p. 52-66.

BACKHAUS, P. **Linguistic Landscapes**: A Comparative Study of Urban Multilingualism in Tokyo. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de línguas. **Linguagem & Ensino**, Vol. 7, No. 1, 2004, p. 123-156.

BEN-RAFAEL, E.; SHOHAMY, E.; AMARA, M.; TRUMPER-HECHT, N. Linguistic landscape as symbolic construction of the public space: The case of Israel. **International Journal of Multilingualism**, Vol. 3, No. 1, p. 7-30, 2006.

BEN-RAFAEL, E.; SHOHAMY, E.; BARNI, M. Introduction: An Approach to an 'Ordered Disorder'". *In:* SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E.; BARNI, M. **Linguistic Landscape in the City**. United Kingdom: Multilingual Matters, 2010, p. xi-xxviii.

BLACKWOOD, R.; AMOS, W. Linguistic Landscapes. *In:* WEI, L.; HUA, Z.; SIMPSON, J. **The Routledge Handbook of Applied Linguistics**. Nova Iorque: Routledge, 2024. p. 337-348.

BOURDIEU, P. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos CEBRAP**, n. 96, p. 105-115, 2013.

CARDOSO, L. L. **Quantas histórias tem São João del-Rei?** Memórias de professores de história e suas relações com o patrimônio cultural local. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de São João del-Rei, 2015.

CARVALHO, R.; MARQUES, T. A evolução do conceito de paisagem cultural. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, n. 16, p. 81-98, mar. 2019. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. DOI: https://doi.org/10.17127/got/2019.16.004.

CENOZ, J; GORTER, D. The linguistic landscape as an additional source of input in second language acquisition. **IRAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, Vol. 46, p. 257-276, setembro, 2008. DOI: https://doi.org/10.1515/IRAL.2008.012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235760108_Linguistic_Landscape_as_an_additional_source_of_input_in_second_language_acquisition. Acesso em 15 de agosto de 2024.

CERVETTI, G.; PARDALES, M. J.; DAMICO, J. S. A tale of differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical reading and critical literacy. **Reading Online**, v. 4, n. 9, 2001.

COQC, C.; GRANSTEDT, L.; LINDGREN, E.; LINDGREN, U. **Developing methods for linguistic landscapes in sparsely populated areas**. (GERUM Geografisk Arbetsrapport). Umeå: Umeå Universitet, 2020.

COSTA LEITE, P. M. C.. **"E o sonho da menina que queria ser professora (nem que seja por um dia) torna-se realidade!"**: os letramentos críticos no estágio supervisionado de língua inglesa. 1ª Edição. Curitiba (PR): CRV, 2018.

CRUZ, F. M. R. Apresentação. *In:* CRUZ, F. M. R. (Org.). **Cultura e cidade**: abordagem multidisciplinar da cultura urbana. Natal: EDUFRN, 2017. p. 9-10.

DAGENAIS, D.; MOORE, D.; SABATIER, C.; LAMARRE, P.; ARMAND, F. Linguistic landscape and language awareness. *In:* SHOHAMY, E.; GORTER, D. (Eds.). **Linguistic landscape**: Expanding the scenery. New York, NY: Routledge, 2009. p. 253-269.

DORINI, L. F. N. **Letramentos Cotidianos e Escolares**: Interfaces na Educação de Jovens e Adultos. 2017. 226 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós Graduação em Linguística da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

DUBOC, A. P.; FERRAZ, D.M. Letramentos Críticos e Formação de Professores de Inglês: Currículos e Perspectivas em Expansão. **Revista X**, v. 1, p. 19-32, 2011.

FAJARDO, M. F. A review of critical literacy beliefs and practices of English language learners and teachers. **University of Sydney Papers in TESOL**, v. 10, p. 29-56, 2015. ISSN: 1834-4712 (*Online*).

FARIA, M. V. B. NASCIMENTO, C. D. O. Observando a Paisagem Linguística Escolar. **Polifonia**, Cuiabá-MT, v. 27, n. 49, out.-dez. 2020, p. 347-361.

FERRAROTTI, L. The Linguistic Landscape and Its Potential for English Language Teaching. **Journal for Euro Linguistic X**, v. 14, p. 63-68, 2017.

FONSECA, A. B. A.; FREITAS, G.; RIBEIRO, G. L.; ROSA, H. T. S. **A Influência das Cores no Marketing**. Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo, Itapetininga, 2022. Disponível em: https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/20707/1/A%20INFLUENCIA%20DAS%20CORES%20NO%20MARKETING%201.pdf. Acesso em 20 de setembro de 2024.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade** – uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. S.: desejos e ameaças. In: FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos:** guerras em torno da língua. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2001. p. 15 -

36.

GERHARDT, T. E. A construção da pesquisa. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 43-64.

GIMENEZ, T.; KADRI, M. S. E.; CALVO, L. C. S.; SIQUEIRA, D. S. P.; PORFIRIO, L. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, nº 3, p. 593-619, 2015.

GORTER, D. Linguistic Landscapes in a Multilingual World. **Annual Review of Applied Linguistics**, Cambridge University Press, v. 33, p. 190-212, 2013. DOI: 10.1017/S0267190513000020.

GORTER, D.; CENOZ, J. Linguistic Landscape and Multilingualism. *In:* CENOZ, J.; GORTER, D.; MAY, S. **Language Awareness and Multilingualism**. Switzerland: Springer, 2017, p. 233-245.

GORTER, D.; CENOZ, J.; VAN DER WORP, K. The linguistic landscape as a resource for language learning and raising language awareness. **Journal of Spanish Language Teaching**, v. 8, nº 2, p. 161-181, 2021.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação:** a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2000.

ITAGI, N. H.; SINGH, Shailendra Kurnar. Introduction. *In:* ITAGI, N. H.; SINGH, Shailendra Kurnar (Eds.). **Linguistic landscaping in India with particular reference to the new states**: Proceedings of a seminar. Mysore: Central Institute of Indian Languages and Intercultural Communication Studies, 2002. p. 9-12.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN) [Site da Internet]. **História - São João del Rei (MG)**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1497/. Acesso em 10 de setembro de 2024.

JANKS, H. **Literacy and power**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2010.

JANKS, H. **The importance of critical literacy**. English Teaching: Practice and Critique, v, 11, n.1, p. 150-163, Maio de 2012.

JANKS, H. Panorama sobre letramento crítico *In:* JESUS, Dánie Marcelo de; CARBONIERI, Divanize (org.) **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico:** Outros sentidos para a Sala de aula de Línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 21-39.

JAWORSKI, A.; THURLOW, C. (Eds.) **Semiotic Landscapes**: Language, Image, Space. Londres; Nova Iorque: Continuum Intenational Publishing Group, 2010.

KELLY-HOLMES, H. **Advertising as Multilingual Communication**. Basingstoke, Reino Unido: Palgrave Macmillan, 2005. DOI: 10.1057/9780230503014.

KIEU, C. Y. Harnessing Linguistic Landscapes for Language Learning: A Comprehensive Guide (5 Key Areas of 25 Awesome Tips). **Language Educators Ssemble**, 13 de agosto de

2023. Disponível em: https://www.languageeducatorsassemble.com/linguistic-landscapes/. Acesso em 05 de agosto de 2023.

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. **Journal of Language and Social Psychology**, v. 16, nº 1, March 1997, p. 23-49.

LANDRY, C. Prefácio. *In:* REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. (Org.). **Cidades criativas**: perspectivas. 1ª Edição. São Paulo: Garimpo de Soluções & Creative Cities Productions, 2011. p. 7-15.

LANKSHEAR, C.; MCLAREN, P. L. (Ed.). **Critical literacy:** Radical and postmodernist perspectives. Albany, NY: SUNY Press, 1993.

MELO DE BRITO COSTA, E.; VENÂNCIO, S. Atividade Física e saúde: Discursos que controlam o corpo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 59–74, 2006.

MELO-PFEIFER, S.; LIMA-HERNANDES, M. C. Paisagens Linguísticas: ideologias, discursos e práticas multilingues nos espaços culturais. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, vol. 14, n° 4, p. 1024-1058, out.-dez. 2020. ISSN 1980-5799.

MELO-PFEIFER, S; LOURENÇO, M.; NEVES, A. **Guidelines for introducing linguistic landscapes in (foreign) language learning and teacher education**. LoCALL Project. Agosto de 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/363056205_Guidelines_for_introducing_linguistic_landscapes_in_foreign_language_learning_and_teacher_education. Acesso em: 07 de dezembro de 2024.

MOMO, M. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola.** Tese (Doutorado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PENNYCOOK, A. Translanguaging and semiotic assemblages. **Critical Multilingualism Studies**, v. 14, n. 3, p. 269–282, 2017.

PENNYCOOK, A. Linguistic landscapes and semiotic assemblages. *In:* PÜTZ, M.; MUNDT, N. (Eds.). **Expanding the linguistic landscape**: linguistic diversity, multimodality and the use of space as a semiotic resource. Bristol: Multilingual Matters, 2019. p. 75-88.

REINHARDT, J. Bringing digital texts and practices into the language classroom: The frameworks that inspired bridging activities. *In:* SOLMAZ, O.; PRZYMUS, S. (Eds.). **Linguistic Landscapes In English Language Teaching**: A Pedagogical Guidebook. 2021. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/351625510_Linguistic_Landscapes_in_English_Language_Teaching_A_Pedagogical_Guidebook. Acesso em 18 de março de 2024.

RODRIGUES, L. F. Paisagem Linguística em Contexto Fronteiriço: Estudo de Caso em Tabatinga (BRA) e Leticia (COL). **Revista Trama**, v. 15, nº 37, p. 149-160, 2020.

SANTANDER. **Os 6 Idiomas Mais Falados Do Mundo.** Banco Santander, S.A., 5 abr. 2023. Santander Universidades. Disponível em: https://www.santanderopenacademy.com/pt_br/blog/idiomas-mais-falados.html. Acesso em: 21 de setembro de 2024.

SANT'ANNA, D. B. Corpo, ética e cultura. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (Orgs.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, Comissão de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2000.

SANTOS, R. R. P. O letramento crítico e o ensino de inglês: Reflexões sobre a prática do professor em formação continuada. **The ESPecialist**, São Paulo, vol. 34, n° 1, p. 1-23, 2013.

SHOHAMY, E.; GORTER, D. **Linguistic landscape**: expanding the scenery. Nova Iorque: Routledge, 2009.

SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E.; BARNI, M.. Introduction: An approach to an 'ordered disorder'. *In:* SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E.; BARNI, M. (Eds.). **Linguistic landscape in the city**. Bristol: Multilingual Matters, 2010. p. xi-xxviii.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOARES, E. A. C. **O letramento crítico no ensino de língua inglesa**: Identidades, práticas e percepções na formação do aluno-cidadão. 2014. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

SOARES, M. BATISTA, A. A. G. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FAE-UFMG, 2005. E-book. 64 p.

SOARES, M. **Letramento**: Um Tema em Três Gêneros. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, M. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. *In:* MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOLMAZ, O. A Literacies-Based Pedagogigal Model to Integrate Linguistic Landscapes into L2 Teaching and Learning Contexts. *In:* SOLMAZ, O.; PRZYMUS, S. (Eds.). **Linguistic Landscapes In English Language Teaching**: A Pedagogical Guidebook. 2021. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/351625510_Linguistic_Landscapes_in_English_Language_Teaching_A_Pedagogical_Guidebook. Acesso em 18 de março de 2024.

SOLMAZ, O. 2022. **Linguistic Landscapes as a Pedagogical Resource in English Language Classrooms.** Disponível em: https://www.teachingenglish.org.uk/sites/teacheng/files/2022-06/LL_Pedagogical_Resource_in_English_Classrooms-Solmaz_British_Council_Webinar_23.6.22.pdf. Acesso em 28 de março de 2024.

SOLMAZ, O.; PRZYMUS, S. The Lingustic Landscapes in English Language Teaching Project. *In:* SOLMAZ, O.; PRZYMUS, S. (Eds.). **Linguistic Landscapes In English Language Teaching**: A Pedagogical Guidebook. 2021. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/351625510_Linguistic_Landscapes_in_English_Language_Teaching_A_Pedagogical_Guidebook. Acesso em 18 de março de 2024.

THORNBURY, S. **An A-Z of ELT:** L is for Linguistic Landscape. 2012. Disponível em: https://scottthornbury.wordpress.com/2012/03/11/l-is-for-linguistic-landscape-2/. Acesso em 05 de abril de 2023.

WANG, J. J. Linguistic Landscape on Campus in Japan - A Case Study of Signs in Kyushu University. **Intercultural Communication Studies XXIV**, v. 1, p. 123-144, 2015.